(RE)PENSAR A ALDEIA

Para uma nova ideia de ruralidade,
projecto para a Aldeia de Broas.

MARIA TERESA SOUSA TAVARES ALVES VALADARES

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA
Projecto Final para obtenção do grau Mestre em Arquitectura

ORIENTADORES CIENTÍFICOS
Professor Doutor José Duarte Gorjão Jorge
Professor Doutor Daniel Maurício Santos de Jesus

JÚRI
Presidente Professora Doutora M. Teresa S. Vasconcelos E Sá
Vogal Professor Doutor Luis Augusto Rosmaninho

DOCUMENTO DEFINITIVO

Lisboa, Março de 2019
Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa

(RE)PENSAR A ALDEIA

Para uma nova ideia de ruralidade,
projecto para a Aldeia de Broas.

Maria Teresa Sousa Tavares Alves Valadares
Licenciada em Estudos Arquitectónicos

Projecto Final para obtenção do grau Mestre em Arquitectura
Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores Científicos
Dr. Arq. José Duarte Gorjão Jorge
Dr. Arq. Daniel Maurício Santos de Jesus

Lisboa, Janeiro de 2019
Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa

"Senti, desde sempre, um profundo amor pelo campo, mas era amor por uma ideia e não por uma coisa que eu realmente conhecesse (...). Mas a esta visão fugitiva juntavam-se duas ideias opostas que recebi do meu pai e da minha mãe. (...) Estas duas imagens sobrepunham-se no meu espírito para formar um quadro do campo: o paraíso, mas um paraíso ensombrado por nuvens de moscas e com cursos de água lamacentos e contaminados com bilharziose e disenteria. Esta imagem perseguia-me e fez-me ganhar consciência de que era preciso fazer qualquer coisa para devolver a felicidade do paraíso aos campos (...). Mas este 'qualquer coisa' só pode ser erguido a partir do amor (...). As pessoas que vão transformar o campo terão de gostar suficientemente do felá para viver com ele, ter casa no campo e consagrar a sua vida ao trabalho prático, no local, visando o melhoramento da vida rural."

Hassan Fathy, in Arquitectura para os pobres

Título

(Re)pensar a Aldeia
Para uma nova ideia de ruralidade,
projecto para a Aldeia de Broas.

Nome
Maria Teresa Sousa Tavares Alves Valadares
Orientadores Científicos

Dr. Arq. José Duarte Gorjão Jorge
Dr. Arq. Daniel Maurício Santos de Jesus

Mestrado Integrado em Arquitectura
Lisboa, Janeiro de 2019

nota: A PFM segue o antigo acordo ortográfico.

Resumo

A presente proposta de projecto final de mestrado surge do interesse pela arquitectura tradicional e consiste no estudo de um projecto de arquitectura que propõe uma reocupação tradicional, tendo em conta a preservação da memória, da história, de uma forma geral, da identidade e do lugar, bem como da expressão cultural da paisagem, expressa na arquitectura.

Os que viviam no campo, viram-se obrigados a ir viver para a cidade. Deixou de ser necessário recorrer ao que a terra fornece e, o que antes identificava a própria cultura, hoje não passa de uma memória. É necessário reconstituir a memória dessa cultura, de modo a manter presente a identidade original dos lugares para uma evolução natural da arquitectura e da cultura.

Este trabalho faz apelo a uma nova atitude para com a reabilitação e reocupação rural, o que implica uma nova abordagem à habitação rural concentrada, onde os actuais programas de repovoamento devem reflectir sobre o novo paradigma de regresso ao campo, não apenas centrado na recriação nostálgica do passado, mas sobretudo numa visão social e económica do habitar a terra.

Terra, Aldeia, Casa, Sustentabilidade, Ruína

Title
(Re) think the village
For a new idea of rurality,
project for the Aldeia de Broas.

Name
Maria Teresa Sousa Tavares Alves Valadares

Advisers
Arch. PhD. José Duarte Gorjão Jorge
Arch. PhD. Daniel Maurício Santos de Jesus

Integrated Master in Architecture
Lisbon, January 2019

Abstract

The present proposal arises from the interest in rural architecture and consists in the study of an architectural design that offers a rural reoccupation.

Those who lived in the country, were forced to go to live in the city. It is no longer necessary to resort to what the land provides, and what once identified the culture itself is today only a memory. It is necessary to reconstitute the memory of our culture in order to keep in mind the original identity of the places for a natural evolution of architecture and culture.

This work calls for a new attitude towards rural rehabilitation and reoccupation, implying a new approach to concentrated rural housing, where current repopulation programs should reflect on the new paradigm of return to the countryside, not only centered on nostalgic recreation of the past, but above all in a social and economic vision of inhabiting the land.

Land, Village, House, Sustainability, Ruin

Agradecimentos

À Arquitectura; aos meus professores orientadores, José Gorjão Jorge e Daniel Jesus que foram incansáveis comigo, pela paciência e conversas infinitas sobre a perspectiva do mundo e por me mostrarem uma vertente da arquitectura com a qual eu me identifico; aos meus amigos do Sustenta, Ricardo Ribeiro e Eduardo Antunes pela amizade e apoio, mesmo quando a coisa parecia não ter sustento; aos meus amigos, colegas e professores que me acompanharam durante este percurso académico; à Argentina; às minhas amigas e amigos do coração; às viagens, conversas, risos; à dra. Carolina que me ensinou muito do que é a vida e sempre acreditou em mim; à Alexandra, amiga da minha mãe, que me salvou e não me deixou cair; ao tio Armando que é mais do que um pai para mim; aos meus irmãos, que me ensinaram a crescer; à minha Mãe, que é a razão da minha existência e a quem devo tudo o que sou. A todos, muito obrigada.

Índice de imagens

I. Tempo e Arquitectura

1. Imagem da Aldeia de Broas 20
fotografia do autor

II. Uma nova ruralidade?

2. Ruralidade em Portugal 46
Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa

3. Ruralidade em Portugal 46
Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa

4. Ruralidade em Portugal 46
Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa

5. Ruralidade em Portugal 46
Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa

6. Ruralidade em Portugal 46
Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa

7. Ruralidade em Portugal 46
Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa

8. Imagem da Aldeia de Broas 26
fotografia do autor

9. Ruralidades 28
Jorge Bacelar, 2014

10. Tamera, eco-aldeia em Portugal 30
fonte: pinterest.com

11. Auroville, eco-aldeia na Índia 30
fonte: auroville.org/

12. Vertigo, eco-aldeia em Israel 30
fonte: vertigo.org.il/en/

13. Vertigo, eco-aldeia em Israel 31
fonte: vertigo.org.il/en/

14. Vertigo, eco-aldeia em Israel 31
fonte: vertigo.org.il/en/

15. Vertigo, eco-aldeia em Israel 31
fonte: vertigo.org.il/en/

16. Auroville, eco-aldeia na Índia 31
fonte: pinterest.com

17. Vertigo, eco-aldeia em Israel 31
fonte: vertigo.org.il/en/

18. Tamera, eco-aldeia em Portugal 31
fonte: pinterest.com

19. Tamera, eco-aldeia em Portugal 31
fonte: pinterest.com

20. Aldeia da Luz 32
fonte: pinterest.com

21. Monsaraz 32
fonte: pinterest.com

22. Malagueira 32
desenho do autor

23. Aldeia da Luz 31
fotografia do autor

24. Malagueira 31
fotografia do autor

25. Monsaraz 31
fotografia do autor

26. Monsaraz 31
fotografia do autor

27. Monsaraz 31
fotografia do autor

28. Aldeia da Luz 31
fotografia do autor

29. Monsaraz 31
fotografia do autor

30. Planta do bairro de Belapur 34
fonte: charlescorrea.net/

31. Típica casa do bairro de Belapur 34
fonte: charlescorrea.net/

32. Perspectiva de casas agrupadas por um pátio 34
fonte: charlescorrea.net/

33. Plano de conjunto do módulo 34
fonte: charlescorrea.net/

34. Plantas e alçados de Belapur 34
fonte: charlescorrea.net/

35. Plantas e alçados de Nova Gourna 35
fonte: pinterest.com

36. Planta de Nova Gourna 35
fonte: pinterest.com

37. Nova Gourna 35
fonte: pinterest.com

38. Nova Gourna 35
fonte: pinterest.com

39. Planta da urbanização Kingo Houses 36
fonte: pinterest.com

40. Vista do pátio 36
desenho do autor

41. Planta casa tipo 36
fonte: pinterest.com

42. Conjunto das casas visto da rua 36
desenho do autor

43. Axonometria casa tipo 36
fonte: pinterest.com

44. Vista da cozinha 36
desenho do autor

45. Vista da sala 36
desenho do autor

46. idem 36
desenho do autor

47. idem 36
desenho do autor

III. O (re)pensar da Aldeia

48. Aldeia de Broas 38
fotografia do autor

49. Perspectivas da Aldeia de Broas 40
desenhos da Biblioteca de Mafra

50. idem 40
desenhos da Biblioteca de Mafra

51. Planta da Aldeia de Broas 40
desenhos da Biblioteca de Mafra

52. Paisagem I 41
fotografia do autor

53. Materialidade I 41
fotografia do autor

54. Ruína 41
fotografia do autor

55. Paisagem II 41
fotografia do autor

56. Perspectiva 41
fotografia do autor

57. Materialidade II 41
fotografia do autor

58. Paisagem III 41
fotografia do autor

59. Paisagem IV 41
fotografia do autor

60. Vista das ruínas da Aldeia de Broas 44-45
fotografia do autor

61. Perspectiva da rua da nova aldeia 46
desenho do autor

Índice Geral

Resumo v

Abstract vii

Agradecimentos ix

Índice de figuras xi

Índice geral xvii

Introdução 19

I. Tempo e Arquitectura 21

I.I. O conceito de Arquitectura 22

I.II. Arquitectura Vernacular 26

II. Uma nova ruralidade? 29

II.I. Nova ruralidade: uma proposta 30

II.II. Eco-aldeia 32

II.III. "Aldeias" em portugal 34

II.IV. Arquitecturas da terra 36

III. O (re)pensar de uma aldeia 41

III.I. Broas: a aldeia esquecida 42

III.II. A aldeia 43

III.II.I. A estratégia 43

III.II.II. O projecto 45

Considerações Finais 49

Bibliografia 53

Anexos 59

Introdução

O tema proposto para a obtenção do grau mestre em arquitectura consiste no estudo de um projecto de arquitectura que propõe uma reocupação rural, tendo em conta a preservação da memória, da história, da identidade e do lugar.

O presente trabalho surge do interesse pela arquitectura rural, de como a vida no campo é diferente da vida na cidade e também da importância pela preservação das expressões culturais e paisagens naturais e construídas, no âmbito da arquitectura.

Os que viviam no campo, viram-se obrigados a ir viver para a cidade. Em cada região se observam diferentes memórias e reconhece-se a potencialidade de recursos e características naturais. Deixou de ser necessário recorrer ao que a terra fornece e, o que antes identificava a própria cultura, os factores territoriais, hoje não passa de uma memória, o que aumenta o risco da perda do património.

É necessário reconstituir a memória da nossa cultura, de modo a manter presente a identidade original dos lugares para uma evolução natural da arquitectura e da cultura. A arquitectura vernacular e a conservação dos aspectos culturais não pode cair no esquecimento.

Sendo o objectivo deste trabalho a reocupação no espaço rural de uma identidade esquecida, analisou-se o estudo sobre a arquitectura vernacular e a sua relação com o conceito de "casa portuguesa". Numa tentativa de compreender a nova ruralidade, foram analisados diferentes casos de estudo em três "aldeias" de Portugal e em situações no resto do mundo em arquitecturas de baixo custo e também o conceito de eco-aldeia, exemplos importantes no que diz respeito aos princípios de sustentabilidade.

A Aldeia de Broas, onde se pretende actuar com a presente proposta de projecto de arquitectura, insere-se na freguesia de Cheleiros do concelho de Mafra e o estudo da reocupação resulta de um percurso de investigação enquadrado como contributo para o projecto de investigação "Aldeias não-globais" acolhido no Sustenta – Laboratório de Projecto Sustentável, integrado no Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design (CIAUD), da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

"O que é o tempo? Quando quero explicá-lo não acho explicação. Se o passado é o que eu, do presente, lembro, e o futuro é o que eu, do presente, antecipo, não seria mais certo dizer que o tempo é só o presente? Mas quanto dura o presente?"

in Confissões de Santo Agostinho

I. TEMPO E ARQUITECTURA

I.I. O conceito de Arquitectura

"Paisagem" entende-se como a relação entre os sistemas biofísicos e os processos humanos ao longo do tempo, onde o Homem, as memórias e as formas de identidade estão sempre presentes, de forma ímplicita ou explícita, no seu processo de construção cultural.[1] Do ponto de vista da arquitectura, o lugar é construído segundo um padrão evolutivo de reconhecimento da paisagem transformada numa representação do mundo.[2] Neste sentido, a estratégia de repovoamento da paisagem rural deverá ter um carácter multidisciplinar na preservação da memória, através da interpretação da identidade do lugar.[3]

Ao intervir sobre uma pré-existência, para que não se perca a essência do passado, é primordial a preservação da identidade do lugar e da memória, já que a memória permanecerá durante todo o seu tempo de vida e para lá da sua fase de ruína. Com o decorrer do tempo, o valor da memória na arquitectura é expresso através de uma combinação de acontecimentos que a marcaram e, por isso, o lugar tem um papel fulcral na identidade de um povo, sendo tão forte como a sua linguagem. Assim, o lugar está ligado à memória da pré-existência e, quando sujeito a transformações ao longo do tempo, transporta-nos para uma recordação do passado. De modo a manter a memória de um objecto arquitectónico, deve-se ter em conta a alma do lugar, na medida em que "este espírito dá vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os do nascimento até à morte, e determina o seu carácter ou essência".[4]

Cada lugar é único pela sua história, presente nas suas pré-existências. Mas, ao mesmo tempo, e para o trabalho do arquitecto, é importante perceber que há semelhanças e analogias entre pessoas e lugares, entre paisagens humanas e paisagens físicas, que daí resulta a nossa capacidade de estabelecer pontes e analogias com arquitecturas em semelhantes condições climáticas, geograficamente distantes mas que partilham características ambientais e com disponibilidades materiais locais comuns. Considerando o lugar enquanto experiência do pensamento e a arquitectura enquanto concretização dessa experiência, o lugar é entendido como um conceito, e a arquitectura, como uma forma. E se o lugar não tem uma forma concreta, resulta, então, de uma construção mental.

Relacionado com o tempo, o espaço transforma-se em memórias que projectam diferentes vivências. Se cada espaço remete para algo ausente, mas, todavia, presente, considera-se que a realização de lugares obedece a princípios éticos a partir do qual se diferenciam os espaços como formas.[5] A noção de espaço está também presente na caracterização de "lugar". O lugar será o primeiro modelo topológico resultante das impressões, dos conjuntos de imagens perceptivas, mas também tendente a transformar-se em "objecto" como imagem. Desta forma, a memória interfere na definição de "lugar".[6]

A memória do tempo depende das vivências que reportam diversos "momentos" significativos, assumindo forma individual e colectiva, enquanto registo do passado. A memória individual é caracterizada pela irreversibilidade dos "momentos" que, quando reforçada pelo tempo, é posta em causa pela história, e surge como uma construção simbólica, da qual a memória individual apenas se apropria abstractamente.

Pró-Aldeias – Repovoar o campo
PTDC / ATP - EUR / 0723 / 2014
1. Rosa et al., 2014; Berque, 1994.
2. Jorge, 2007
3. Rosa, 2008; Lampreia, 2012

Meaning in western architecture
4. Norberg-Schulz, 1980, p.18

A noção de sincronismo na leitura e representação do espaço
5. Jorge, 1993, p. 137
6. idem, p.
7. idem, p.

Arquitectura para os pobres
8. Fathy (2009 [1973]), p. 34;
9. ibidem;
10. idem, p. 35;
11. ibidem;
12. idem, p. 36.

Alegoria do Património
13. Choay, 2013 [1982], p. 11

A História acaba por veicular expressões que a memória colectiva assimila sob forma de representações. A memória colectiva, resultado da vivência colectiva do passado, surge como "sentimento" que se refere a esse passado, desaparecido, sendo a tradição o que assegura a sobrevivência da mesma. A tradição visa assegurar a identidade da comunidade, detentora de uma memória (particular) colectiva, que tenta manter viva a memória de um "tempo" idealizado.[7]

A tradição, segundo Hassan Fathy, em *Arquitectura para os pobres*, não tem de ser obsoleta, nem antiga ou sinónima de imobilismo. "*(...) De cada vez que um trabalhador se depara com uma nova dificuldade e encontra a forma instrumental correcta para a superar, está a dar o primeiro passo rumo à constituição de uma tradição. Quando a resposta individual é adoptada colectivamente, a tradição progride. E quando um terceiro trabalhador procede do mesmo modo e dá o seu contributo, a tradição está praticamente estabelecida. (...).*"[8]

Há soluções que só resultam após várias gerações, pois é a partir da tradição, respeitando o trabalho das gerações precedentes, que a nova geração se poderá desenvolver, podendo concluir o seu ciclo. Há também tradições que se perpetuarão, como a arte de fazer pão, ou de fazer tijolos.[9]

Quando uma determinada tradição está estabelecida e é comummente adoptada, o arquitecto tem a obrigação ética de compreender antes de intervir, em qualquer processo de transformação.[10] "*(...) No caso dos camponeses, a única salvaguarda da sua cultura é a tradição.(...)*".[11] Numa sociedade tradicional, quebrar a tradição é um assassínio cultural, e o arquitecto tem de respeitar o trabalho dos seus antecessores e a sensibilidade do povo. A arquitectura é, assim, uma das artes mais tradicionais, pois uma obra arquitectónica destina-se a ser usada, sendo a sua forma determinada pelas obras anteriores.

Por fim, sobre o modo de fazer e construir tradicional, Fathy acrescenta que os trabalhos feitos à mão agradam-nos porque exprimem o estado de espírito do trabalhador. As irregularidades são testemunhos de uma interacção constante entre o Homem e os seus materiais, sendo o resultado de uma decisão tomada no momento da produção. "*(...) A pessoa que utilizar o objecto feito à mão vai compreender a personalidade do artista através das suas hesitações e das alterações do seu estado de espírito, e é por isso que este objecto vai ter mais valor do que outros.(...)*"[12]

Ainda que essencial na preservação da identidade local, a memória não deve ser conduzida ao extremo da sua recuperação. Manter certos valores que determinam o carácter do passado torna-se uma mais valia para a arquitectura, transportando para o presente uma identidade própria de cada espaço, a qual permite projectar para o futuro, sem pôr de parte, a herança das gerações passadas. É isto que se denomina como *Património*. Património histórico, designa um fundo de uma comunidade, constituído pela acumulação de objectos que congregam a sua presença no passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e conhecimentos humanos. "Património histórico" tornou-se numa das palavras-chave da nossa sociedade: ela remete para uma instituição e para uma mentalidade.[13] Em arquitectura, a ruína relaciona-se intrinsecamente com o tempo, com a memória e o lugar, definindo-se como a relação de uma entidade física com o tempo que nos remete para um tempo passado, sugerindo a noção de património, do ponto de vista histórico.

I.II. Arquitectura Vernacular

A casa tradicional é uma casa "honesta"[1], construída para ser vivida e responder às exigências funcionais. Não pensada como produto estético, é uma ferramenta fundamental para a prática da actividade rural, agrícola ou agropecuária. No entanto, a casa tradicional apresenta um elevado valor estético não só pela simplicidade com que é resolvida como também pela sua materialidade.

Trata-se então de um exemplo da adequação da arquitectura ao lugar, onde as práticas de concepção estão circunscritas a condicionamentos ambientais do lugar, às tradições construtivas locais e aos modos de habitar tradicionais. São construções naturais de forte ligação à terra, estão em harmonia e coerência com o meio onde se inserem, adaptam-se ao clima, aos costumes e actividades da comunidade. A fisionomia destes materiais tal como os gostos e técnicas dos seus artífices fazem com que esta casa apresente características diferentes em cada local e em cada região.[2]

Esta arquitectura é construída tendo em conta as condições climáticas do lugar onde se insere, de modo a minimizar tanto o impacto ambiental como o consumo energético, melhorando o conforto ambiental do utilizador. Isto faz com que esta arquitectura seja sustentável, pois corresponde aos três pilares da sustentabilidade definidos pela União Europeia: economia, sociedade e ambiente.[3]

As técnicas utilizadas são produto de séculos de construção empírica, desenvolvidas e aperfeiçoadas ao longo dos tempos, passando de geração em geração. Esta arquitectura é resultado de uma "cultura contínua e integrada, que atingia e prendia todos, um sentido comum de pensamento e de acção, uma tradição que evoluia lentamente mas com segurança e, traduzindo estes e outros factores, os espaços eram organizados com coesão, com sentido das realidades, em regime de inteira e total colaboração".[4]

Com efeito, não é na arquitectura erudita urbana, mas nas expressões vernaculares ou populares rurais que se verificam processos de concepção em estreita relação com as restrições e potencialidades directas do ambiente próximo. A concepção é, neste contexto, uma arte de construir com o existente, num determinado território e recorrendo a técnicas tradicionais. Esse facto leva a arquitectura regional a distinguir-se por essa imposição ambiental, contornada culturalmente, não sendo difícil encontrar regularidades regionais. Aqui, a concepção apresenta uma dependência da terra, do concreto e do possível.

Esta evolução do saber acumulado veio a ser quebrada pelas alterações provocadas com a revolução industrial que, deste modo, contribuíram para o desaparecimento progressivo das formas tradicionais.

Arquitectura Popular em Portugal
2. p. 94
3. p. 6
4. p. 42
5. p. 14
6. p. 44
7. p. 78

1. Raul Lino, Casas Portuguesas, p. 105
2. Ernesto de Oliveira; Fernando Galhano, Arquitectura Tradicional Portuguesa, p. 371
3. Lassu, Laboratório de Sustentabilidade, Pilares da Sustentabilidade
4. Fernando Távora, Da organização do espaço, p. 67

2

3

4

5

7

6

"Visto que a minha proposta diz respeito sobretudo ao camponês, é a ele que dedico esta investigação. Gostaria de o dirigir exclusivamente ao camponês, e espero que esteja para breve o momento em que ele seja capaz de o ler e de o apreciar, mas por agora este livro tem de ser dirigido àqueles que estão encarregados do bem-estar do camponês: ao arquitecto, ao urbanista, ao sociólogo e ao antropólogo, a todos os funcionários públicos locais, nacionais e internacionais, encarregados da habitação e do bem-estar do campo, aos políticos e governos de todos os países, e a todos aqueles que contribuem para desenvolver uma política oficial orientada para o campo. "

Hassan Fathy

II. UMA NOVA RURALIDADE?

II.I. Nova ruralidade: uma proposta

Segundo Gonçalo Ribeiro Telles, em "A caminho da 2ª ruralidade", a 1ª ruralidade corresponde e coincide com o tempo, o espaço e o modelo urbano-industrial da 1ª modernindade, sendo estes conceitos opostos: natureza-cultura, economia-ambiente, agricultura-industria, moderno-tradicional, privado-público, cidade-campo, sector-território, particular-geral.[1]

Para uma nova ruralidade, estes conceitos deverão fundir-se, interligar-se e diversificar-se de modo a criar novas funcionalidades e territorialidades e abrir novas possibilidades ao futuro.[2]

Na 1ª ruralidade, o mundo rural era uma espécie de evasão ao mundo urbano-industrial, onde os volumes cresceram e esmagaram as formas. Na nova ruralidade, a natureza e a cultura favorecerão os territórios, o que lhe dará uma dimensão mais humana. Sendo esta uma reacção pós-moderna, "vinda da cidade", enquadra-se na diversidade de acontecimentos que, hoje, invadem o mundo rural e podem gerar uma "nova estrutura de oportunidades".[3]

"Há 50 anos, o que era contínuo na paisagem era o sistema natural e as cidades eram pontos. Hoje é ao contrário, o contínuo na paisagem é o construído, o pontual é o que resta da agricultura, de espaço livre, que passou a ser descontínuo."[4]

Não há plano de desenvolvimento sustentável sem agricultura, ao transformar, aumenta o interesse e a procura de paisagem rural e dela se espera produção, conservação, recreação.[5] O futuro da paisagem está comprometido pela agricultura, pela floresta, pelo urbanismo. Continuamos com uma imagem errada do país: aumentaram-se as necessidades, não se aumentou a Cultura.[6] As ideias que presidem à criação da nova cidade devem ter como paradigmas a integração cidade-campo e a conexão urbanismo-ecologia. O Homem de hoje tende a deixar de ser rural ou urbano para alcançar uma visão cultural que abrange tanto os valores da ruralidade como os da cidade.

"Hoje, 30% das pessoas que praticam a agricultura económica na Europa não são agricultores, é gente que vive na cidade, tem lá o seu escritório e tem uma herdade no campo onde vai ao fim de semana."[7]

A caminho da 2ª ruralidade
1. Covas & Covas, 2012, p. 17;
2. ibidem;
3. ibidem;
4. idem, p. 21;
5. idem, p. 21-22;
6. idem, p. 22;
7. idem, p. 23.

9

9. Ruralidade, imagem de Jorge Bacelar.

10

11

12

10. Tamera, eco-aldeia em Portugal.

Projecto de pesquisa da paz com o objectivo de criar o modelo para uma sociedade futura livre de ódio, mentira, violência e medo. As questões de pesquisa ecológica e tecnológica incluem a implementação de um cenário de retenção para a cura da água e da natureza, bem como um modelo de auto-suficiência regional em energia e alimentação.

11. Auroville, eco-aldeia na Índia.

Comunidade internacional construída com o propósito de ser uma "cidade universal" onde todos pudessem viver em harmonia, independentemente de nacionalidade, raça, crenças ou política, e criar uma unidade humana na diversidade. Fundada em 1968, cidade universal pela UNESCO. Não existe política, religião nem dinheiro, sendo que o sistema de intercâmbios fornece o necessário à vida.

12. Vertigo, eco-art village em Israel.

Centro de aprendizagem com o objectivo de gerar mudanças sociais e promover um modelo alternativo de vida sustentável através de programas de educação artística e ambiental. No seu coração existe a Vertigo Dance Company, que fundou a aldeia, actua e ensaia no centro. Oferece oficinas e aulas nas àreas das artes e ecologia e serve como espaço de performance para artistas.

página seguinte

13. Vertigo;

14. idem;

15. idem;

16. Auroville;

17. Vertigo;

18. Tamera;

19. idem.

II.II. Eco-aldeia

Eco-aldeia é um acordo onde as actividades humanas estão integradas no mundo, de forma a favorecer o desenvolvimento saudável e natural das pessoas.[8]

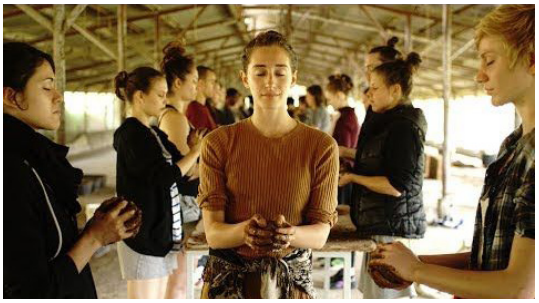
As raízes das eco-aldeias são as tradicionais aldeias rurais e as suas culturas e experiências relacionadas com estilos de vida comunais como os assentamentos do Médio Oriente, dos Essenes aos Kibbutzim israelitas, as comunidades espirituais, dos mosteiros aos ashrams indianos, as teorias dos socialistas utópicos dos séculos XVIII e XIX e o Familistério de Jean-Baptiste Godin, as comunas hippies, as cooperativas de habitação e os projectos de habitação comunitária[9], sendo o traço comum o modo de vida cooperativo, que já não se pratica nos Países Desenvolvidos.

A espécie humana está a tornar-se numa "espécie urbana". No início do século XIX apenas 3% da população vivia nas cidades. Hoje, é onde vive mais de metade da população mundial. A cultura ocidental apresenta as cidades como o habitat natural de uma população civilizada e o conceito de civilização é confundido com o de evolução. Até muito recentemente, a maioria das pessoas vivia em aldeias ou pequenas vilas. A vida em massa nos centros urbanos e subúrbios é uma súbita condição na evolução da nossa espécie para a qual o passado não nos preparou. O desejo de viver em comunidade é um dos motivos impulsionadores de um movimento crescente que se empenha em criar eco-aldeias, comunidades onde os habitantes valorizam uma rede social de entreajuda e um estilo de vida ecologicamente sustentável e de baixo impacto ambiental. Estas comunidades poderão ser aldeias tradicionais em que a população se foca na sustentabilidade ambiental e social formadas por pessoas que decidem unir esforços e partilhar um estilo de vida sustentável.

Apesar das pessoas viverem há milénios em comunidades simples próximas da natureza viva, o conceito de eco-aldeia é relativamente novo. A sua primeira aparição terá sido em 1991 num relatório sobre sustentabilidade comissionado pela Gaia Trust[10]. Em meados da década de 1990, várias comunidades internacionais optaram por assumir a designação de eco-aldeia, contribuindo para o crescimento e expansão do movimento. A GEN[11], fundada em 1995, terá desempenhado um papel crucial como elo de ligação entre as diversas eco-aldeias autónomas.

O que distingue estas comunidades de outras iniciativas urbanas ou rurais é a importância do sentido de comunidade, da partilha de valores e recursos, na procura de uma economia de subsistência de alimentação, energia, habitação. Promove-se um estilo de vida mais verde com um grande impulso no caminho da auto-suficiência.

Muitos investem em reduzir a sua necessidade de combustíveis fósseis, cultivar o seu próprio alimento, fazer compostagem, transporte solidário, construir com materiais sustentáveis, desenvolver tecnologias altamente eficientes para o aquecimento, electricidade e água. A partilha de cozinhas, ferramentas e sistemas de aquecimento são acções simples que em muito reduzem o impacto ambiental e poupam dinheiro. Como estilo de vida, toma-se a decisão de viver de forma mais simples, consumindo menos.[12]


13

14

15

16

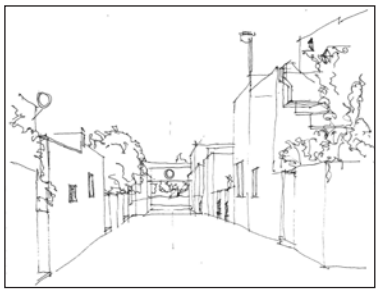
17

18

19

20

21



22

20. Aldeia da Luz;
21. Monsaraz;
22. Malagueira;

página seguinte
fotografias do autor
23. Aldeia da Luz;
24. Monsaraz;
25. Malagueira;
26. Aldeia da Luz;
27. Monsaraz;
28. Monsaraz;
29. Monsaraz;

página anterior

8. Bang, 2005: 27-28. Conceito desenvolvido por Ross e Hildur Jackson ao elaborar um relatório com o título "Ecoaldeias e comunidades sustentáveis"

9. Dawson, 2006

10. Gaia Trust: organização fundada em 1987, na Dinamarca, com vista a desenvolver tecnologias, sistemas económicos e estruturas sociais que sustentassem um novo modo de vida estruturado com base numa existência mais harmoniosa

11. GEN (Global Village Network) ou Rede Global de Ecoaldeias: rede multicultural e intercontinental de comunidades e iniciativas ligadas ao tema da sustentabilidade).

12. Sevier, 2008

13. Reportagem Renascença, A aldeia da Luz não mora aqui;

14. Visitar Monsaraz, o Alentejo perto do céu;

15. Archdaily: Clássicos da Arquitetura: Quinta da Malagueira / Álvaro Siza

II.III. "Aldeias" em Portugal

Neste capítulo são analisadas três tipos de "aldeias" em Portugal que tiveram de ser de certa forma reconstituídas e repensadas.

A aldeia da Luz estava situada na freguesia Luz, concelho de Mourão, na região do Alentejo, com 50,90 km² de área, 290 habitantes em 2011 e densidade populacional de 5,7 h/km². Parte do território foi submerso pelas águas da albufeira da Barragem de Alqueva, a partir de 2002 e foi construída uma nova aldeia da Luz, situada a cerca de três quilómetros da antiga povoação, para onde se mudaram todos os habitantes da Luz, sendo transferidos para as novas casas 423 habitantes. Em 2012 eram 297 os moradores e cerca de cem casas estavam desocupadas. Na escola que, na altura da sua inauguração, tinha 28 crianças, em 2012 havia apenas 8 e em 2015 apenas 1. "A aldeia da Luz já não mora aqui".[13]

Monsaraz é uma freguesia do concelho de Reguengos de Monsaraz (Alentejo), com 88,29 km² de área e 782 habitantes em 2011, com densidade populacional de 8,9 h/km². Antiga sede de concelho, transferida pela primeira vez em 1838 e definitivamente em 1851 para Reguengos de Monsaraz, hoje cidade. A vila de Monsaraz foi conquistada aos mouros, em 1167, pelos homens de Geraldo Sem Pavor. O primeiro foral veio a ser concedido por D. Afonso III, em 15 de Janeiro de 1276. O castelo de Monsaraz desempenhou ao longo dos séculos o papel de sentinela do Guadiana, vigiando a fronteira com Castela. Hoje, suspensa no tempo, Monsaraz é uma vila museu medieval que se tornou num ponto de atracção turístico.[14]

Malagueira é uma localidade do concelho de Évora, com 19,05 km² de área e 12,373 habitantes em 2011 e a sua densidade é de 649,5 hab/km². Esta freguesia foi criada em 1997, tendo o seu território sido desmembrado da antiga freguesia da Sé. Foi extinta em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, para, em conjunto com Horta das Figueiras, formar uma nova freguesia denominada União das Freguesias de Malagueira e Horta das Figueiras. Em 1975, 27 hectares da exploração agrícola Quinta da Malagueira foram expropriados para o ordenamento da periferia urbana da cidade de Évora. O projecto foi entregue ao arquitecto Álvaro Siza Vieira, para inscrever o seu plano de cidade nova na história e geografia do lugar. Para conseguir uma relação entre o espaço construído e a paisagem envolvente, Siza foi buscar referências do lugar como os caminhos existentes, o relevo, as rochas, o lago, as árvores, e estabeleceu a ligação com o Bairro de Santa Maria. A construção de casas, costas com costas, ao longo de uma galeria técnica de infra-estruturas, a adaptação da grelha urbana à topografia e a tipologia evolutiva casa-pátio das casas foram as intenções do arquitecto. A composição urbana da Malagueira tem em atenção o terreno, a paisagem e o tecido envolvente, e o discurso formal de Siza é manifestamente moderno, racionalista, porém introduz também elementos tradicionais como a janela vernácula, a chaminé alta e a entrada em mármore.[15]

Estas "aldeias" tiveram de ser, de certa forma, reconstituídas e repensadas. Ainda que essencial na preservação da identidade local, a memória não deve ser conduzida ao extremo da sua recuperação, mas manter certos valores que determinam o carácter do passado torna-se uma mais valia para a arquitectura. Ao tentar ir ao extremo de uma recuperação, seja uma aldeia, o que for, pode-se cair no erro de se tornarem recriações artificiais de uma identidade de um povo, numa tentativa, falhada, de regresso ao passado. Depois só restam as memórias dos lugares.

23

25

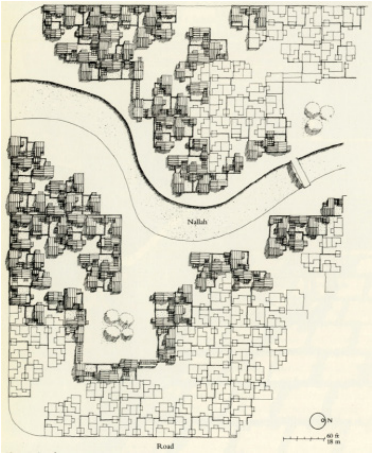
24

28

26

27

29

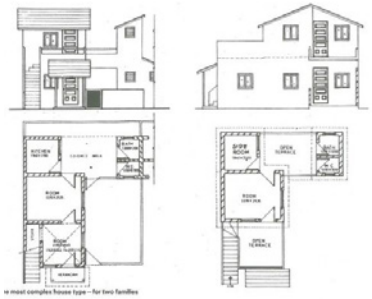


30

31

32

33



34

30. Planta do bairro de Belapur;
31. Típica casa do bairro;
32. Perspectiva de um módulo de casas agrupadas por um pátio;
33. Plano do conjunto do módulo;
34. Plantas e alçados de Belapur.

II.IV. Arquitecturas da Terra

Pretende-se fazer um apelo a uma nova atitude para com a reabilitação e reocupação rural. O nível de vida e o nível cultural das pessoas que vivem no campo pode ser melhorado, o que implica uma nova abordagem à habitação rural.

Serão apresentados três casos de estudo de diferentes aldeias construídas com materiais locais que fazem um apelo à construção cooperativa e que devem ser sustentáveis de acordo com as possibilidades da população, no qual a construção de infraestruturas e sua manutenção seja garantida.

Belapur, Charles Correa

Belapur é um bairro em Nerul, a cerca de dois quilómetros do centro de Nova Bombaim, Índia. Esta área de 5,4 hectares foi desenvolvida pelo arquitecto Charles Correa, para abrigar 100 famílias, ou 500 pessoas, por hectare: um total de cerca de 550 famílias.

O princípio do projecto, são as habitações evolutivas, onde cada unidade está no próprio lugar individual para permitir expansão, de modo a abranger uma grande variedade de grupos de renda, variando o tamanho da parcela de 45 m^2 a 75 m^2.

Cada unidade não compartilha paredes comuns com o seu vizinho e possui o seu próprio espaço aberto para o céu, o que aumenta a área construída. Esta independência permite que cada dono da casa se estenda ou mude a sua casa de qualquer maneira que a família julgue adequada e a ritmo adequado ao bem-estar económico da família.

Este esquema de alta-densidade e de baixa-elevação usa um conjunto de agrupamentos em torno de pequenos espaços comunitários: Numa escala menor, sete unidades são agrupadas num pátio com 8 m^2. Três dos módulos combinam-se para formar um módulo maior de 21 casas em torno de um espaço aberto de 12 m^2. Três desses módulos interligam para definir a próxima escala do espaço comunitário de 20 m^2. A hierarquia espacial continua até os espaços do bairro serem formados, onde as escolas e outras instalações de uso público estão localizadas.

O conjunto será organizado para que os espaços do bairro se abram para um pequeno fluxo que atravessa o centro do local, que drena a superfície da água durante as chuvas, e tem vista para as colinas. As próprias casas estão planeadas com instalações sanitárias localizadas em pares, para economizar custos de encanamento e saneamento. Para cada módulo, a estrutura principal da casa pode confinar o limite em duas arestas claramente especificadas num padrão que garante que ele será independente em relação aos seus vizinhos. As janelas não são permitidas nestas paredes. As casas são estruturalmente simples e podem ser construídas e alteradas por pedreiros locais com a participação dos próprios habitantes.

Belapur faz uma declaração que combina os princípios que Correa acredita ser o mais importante na habitação: Equidade, Incrementaridade, Pluralismo, espaços "Open-to-Sky" e Desagregação de espaços para permitir a participação na formação de actividades. Como tal, é uma solução robusta, projectada arquitectonicamente para habitação de renda baixa e média, onde o interessante serão as mudanças feitas pelos próprios habitantes.[16]

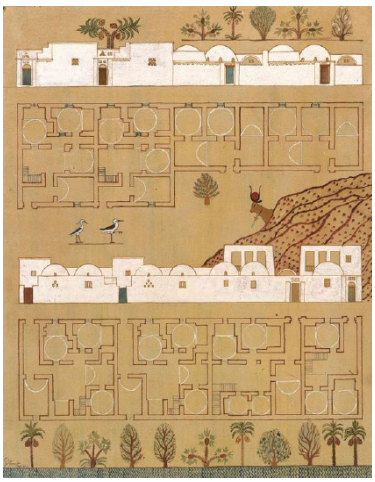
Nova Gourna, Hassan Fathy

Em 1945, o governo egípcio decidiu construir uma nova aldeia, a largos quilómetros da aldeia de Gurna, situada sobre um importante sítio arqueológico, objecto de permanentes pilhagens, para o realojamento de 7.000 camponeses.

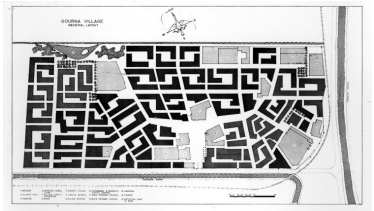
A Nova Gourna foi o projecto concebido pelo arquitecto Hassan Fathy, considerado o "arquitecto dos pobres", fez deste um caso de estudo e demostrou o método que considerava mais apropriado para o projecto. Fathy utilizou técnicas tradicionais de construção com materiais elementares como o adobe, que durante milénios foi usado pelas populações rurais do Antigo Egipto.

Hassan Fathy foi um homem com uma sólida formação humanista e multidisciplinar e defendia que "todos os povos que produziram arquitectura desenvolveram o seu estilo próprio que lhes é tão específico como a sua língua, o seu vestuário ou as suas tradições populares." O autor considera também que os projectos devem ser sustentáveis, e que, por isso, se devem basear nas possibilidades da população, e não em investimentos na construção de infraestruturas cuja manutenção não seja garantida ou suportável.

Destinado como um modelo de projecto de habitação pública, as casas de tijolos de terra ganharam atenção internacional e são hoje consideradas experiências iniciais com tecnologia apropriada e sistemas arquitectónicos sustentáveis. Fathy defende que este projecto é um apelo a uma nova atitude para com a reabilitação rural, onde o nível de vida dos camponeses extremamente pobres do mundo pode ser melhorado através da construção cooperativa, o que implica uma nova abordagem face à habitação rural.[17]



35



36

37

38

"One man cannot build a house, but ten men can build ten houses very easily, even a hundred houses. We need a system that allows the traditional way of cooperation to work in our society. We must subject technology and science to the economy of the poor and penniless. We must add the aesthetic factor because the cheaper we build the more beauty we should add to respect man."

Hassan Fathy

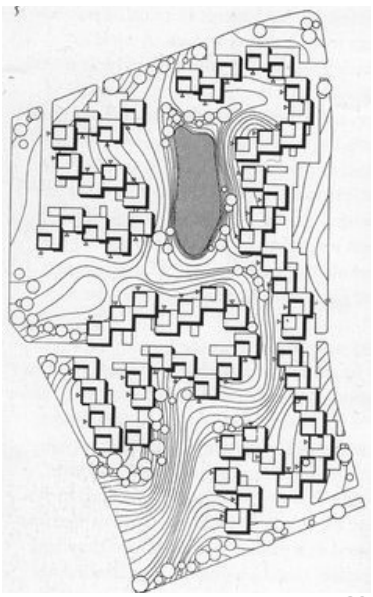
35. Plantas e alçados de Nova Gourna;
36. Planta da nova vila Gourna;
37. Nova Gourna;
38. Nova Gourna

16. Charles Correa, Belapur Housing (1983-86), New Bombay, p. 48;

17. Hassan Fathy, Arquitectura para os pobres, (2009 [1973]);

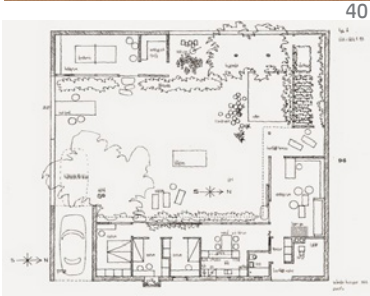
página seguinte

18. Kingo Housing Project, commentary by the Pritzker Prize Committee.

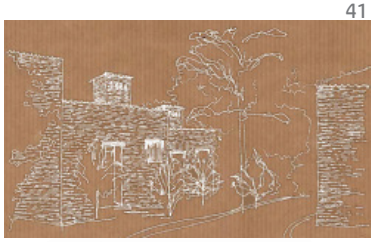


39

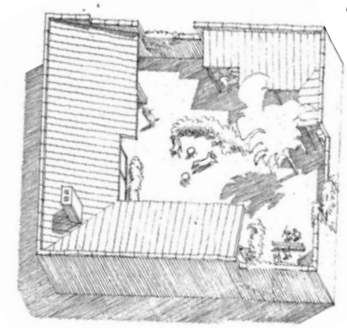
40



41



42



43

Kingo Houses, Jörn Utzon

Kingo Houses é uma urbanização desenhada pelo arquitecto dinamarquês Jörn Utzon, em Elsinor, Dinamarca, construída entre 1956 e 1958. O projecto consiste em 63 casas com base no desenho das casas de campo tradicionais dinamarquesas com pátios centrais.

O projecto começou a ser construído em 1957 em torno da cidade dinamarquesa de Helsingor e foi projectado para trabalhadores de baixa renda e professores de acordo com regulamentos favoráveis que os beneficiavam.

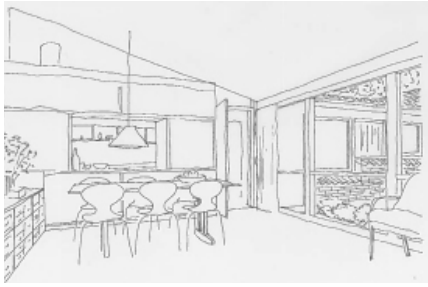
Jorn Utzon desenvolveu duas casas de tipo básico de um quadrado de 15m de cada lado, embora mais tarde as variações aumentem consideravelmente.

As casas estão dispostas em linhas contínuas num terreno não linear, seguindo a topografia e a orientação mais adequada. O arquitecto procurou imitar a variedade orgânica da natureza observada pelo arquitecto Alvar Aalto, para quem as unidades mínimas na natureza deverão dar origem a milhões de conexões flexíveis sem qualquer tipo de riqueza esquemática e uma variação perpétua de formas de crescimento orgânico.

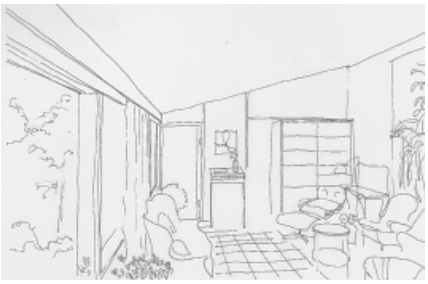
A organização da casa encaixa-se no esquema em "L": a entrada está localizada no encontro de duas alas – uma geralmente dedicada aos quartos e outra às áreas de estar. Nas diferentes variações e fechando o pátio, encontram-se as garagens, oficinas ou estúdios.

O pátio admite uma grande diversidade de pavimentos, pomares, jardinagem ou árvores. As paredes dos pátios variam de acordo com a orientação da luz solar, de modo a obter a sombra desejada, as vistas e o recinto, em resposta à situação específica de cada casa no chão e a sua relação com o bairro. As dimensões das alturas e dos comprimentos das paredes do recinto do pátio foram fornecidas de acordo com o sistema do modulor de Le Corbusier e resultaram numa configuração única para cada habitação.

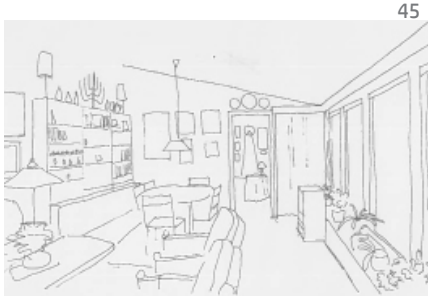
44



45



46



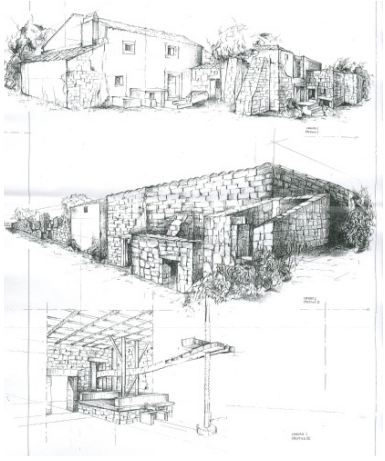
47

39. Planta da urbanização Kingo Houses;
40. Vista do pátio;
41. Planta de uma casa tipo;
42. Conjunto das casas, vista da rua;
43. Axonometria de uma casa tipo;
44. Vista da cozinha;
45. Vista da sala;
46. idem;
47. idem.

"You may say I'm a dreamer
But I'm not the only one
I hope someday you'll join us
And the world will live as one"

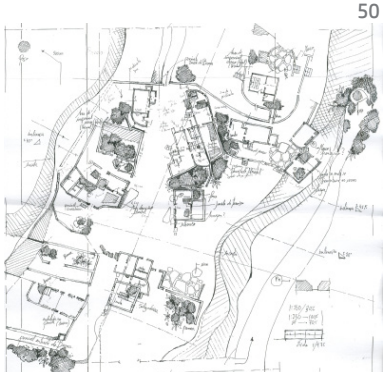
John Lennon

III. O (RE)PENSAR DA ALDEIA



49

50



51

48. Aldeia de Broas;

49. Perspectivas da Aldeia de Broas;
50. Perspectivas da Aldeia de Broas;
51. Planta da Aldeia de Broas.

III.I. Broas: a aldeia esquecida

A aldeia de Broas começou a ser habitada no período paleolítico.[1] Entre os séculos XI e XII, fontes islâmicas descrevem a região de Sintra como uma área rica em recursos naturais, permitindo o desenvolvimento tanto da agricultura e da pastorícia como dos recursos marinhos devido à proximidade com o mar.[2]

Em 1805 Broas já pertencia à freguesia de Cheleiros, concelho de Mafra. No ano de 1834 é definida a divisão administrativa entre Mafra e Sintra, delimitando a aldeia pelos dois concelhos.[3]

Em 1950, viviam cerca de 25 pessoas (6 a 7 famílias).[4] Não se sabe ao certo a data do abandono da aldeia, mas sabe-se que é entre 1969 e 1982 e desde então a aldeia mantém a sua forma original. Hoje nem todos os campos agrícolas continuam abandonados, alguns são usados para cultivo e pastorícia.

Esta região caracteriza-se por um clima temperado, com uma temperatura média anual é de 14,6ºC, devido à influência marítima. A precipitação média anual é de 860 mm e registam-se nevoeiros frequentes nesta zona.[5]

A encosta do vale da ribeira de Cheleiros apresenta terrenos calcários do Cretácico com bosques de carvalho português. No largo principal da outrora aldeia existe um freixo.

No vale de Cheleiros dá-se a confluência entre dois cursos de água, a ribeira da Cabrela (afluente) e o rio Lizandro, com cerca de 30 km, nasce na freguesia de Almargem do Bispo no concelho de Sintra e desagua na praia Foz do Lizandro.

Broas situa-se num ponto alto do terreno que apresenta um declive acentuado na direção de Cheleiros. O relevo é ondulado com pequenas colinas, muitas delas antigos cones vulcânicos.[6] A geografia física do lugar, desde o clima até à topografia influenciou a localização da aldeia no território. A potencialidade agrícola dos seus campos permitiu que as pessoas vivessem de uma economia de subsistência, sendo a produção agrícola e a criação de gado os meios que satisfaziam as suas necessidades alimentares, sendo uma aldeia autossuficiente.

A agricultura praticada tornou-se pouco rentável e isso teve um grande impacto na economia local, o que contribuiu para as pessoas se sentissem obrigadas a abandonar a aldeia. O acesso à aldeia foi-se degradando, dificultando cada vez mais a passagem de veículos, sendo que nunca chegou a ser dotada de infraestruturas básicas como água canalizada, eletricidade, telefone ou saneamento básico, o que fez com que a população, sobretudo a mais jovem, partisse à procura de melhor qualidade de vida, nos centros urbanos.

1. Marisa Filipe & José Manuel de Mascarenhas, Aldeias abandonadas e preservação do património cultural e paisagístico;

2. Coelho, A ocupação islâmica do castelo dos mouros (Sintra), p. 207;

3. Marisa Filipe, Estudos sobre a aldeia de Broas;

4. Marisa Filipe & José Manuel de Mascarenhas, Aldeias abandonadas e preservação do património cultural e paisagístico;

5. idem;

6. José Costa [et al.], Bibliografia de Portugal Continental;

52

53

54

55

56

57

58

59

III.II. A aldeia

III.II.I. A estratégia

A presente investigação tem como principal objectivo definir uma estratégia de reocupação integrada da Aldeia de Broas, no conselho de Mafra, que garanta uma simultânea auto-suficiência de recursos e preservação da identidade local no sentido de se criar as condições base para o seu repovoamento, de acordo com as seguintes premissas:

a) Garantir o sentido de comunidade que permita diferentes pessoas, com diferentes idades, estatutos sociais, origens culturais e possibilidades económicas coabitem de forma harmoniosa no mesmo espaço rural;

b) Promover a exploração rural (agricultura, silvicultura e/ou conservação da natureza dos recursos naturais existentes no local) através de estratégias integradas de reconversão, recuperação e requalificação dos seus espaços;

c) Repensar os sistemas de produção arquitectónica desses espaços à luz dos actuais princípios de sustentabilidade, nomeadamente ao nível da auto-suficiência de recursos, através da utilização de técnicas e sistemas de construção tradicional (a par das novas tecnologias) que permitam responder às necessidades desta comunidade sem comprometer a mautenção de um habitat adequado à sobrevivência das gerações futuras.

Será feita uma abordagem teórica no sentido de análise (histórica) do lugar. Este processo resulta, numa primeira fase, da recolha de referências bibliográficas (estudos, livros, artigos e outras fontes) bem como da participação em algumas conferências sobre os temas.

A esta fase de pesquisa seguir-se-á outra, a segunda que se propõe a realizar trabalho de campo, como estratégia de investigação. Para isto é preciso investigar sobre as outras aldeias em redor, entendendo como vivem e do que dependem. Contudo, o trabalho consistirá na recolha de fontes documentais e estatísticas, vídeos, fotografias e cartografia relevante.

O conceito do projecto destina-se a garantir o sentido de comunidade que permita que diferentes pessoas, com diferentes idades, estatutos sociais, origens culturais e possibilidades económicas coabitem de forma harmoniosa no mesmo espaço rural mas é destinado principalmente a jovens trabalhadores de baixa renda que pretendam constituir família, de modo a poder crescer a sua casa conforme o agregado famíliar e respectivas condições financeiras.

Nesse sentido, procuram-se princípios que consigam dar resposta às questões de partida do presente trabalho. A recolha da informação e leitura do local fundamentarão as escolhas que serão feitas aquando da fase de projecto arquitectónico, que resultam no desenvolvimento de habitações e espaços flexíveis, tendo em conta o valor da comunidade. Estes encontram-se inseridos num projecto urbano, essencialmente desenvolvido de maneira a criar espaços de serviços dedicados à exploração dos recursos naturais locais, como o mercado, bem como áreas exteriores de fruição e vivência pública, não edificado, como estratégias de relação entre a comunidade. De acordo com os objectivos estabelecidos e a hipótese anteriormente apresentada, procurar-se-á, numa abordagem teórica, dissertar sobre um conjunto de premissas que, em termos projectuais, permitam fundamentar a reocupação da Aldeia de Broas pelas seguintes fases:

página 41
Imagens da Aldeia de Broas
52. Paisagem;
53. Materialidade;
54. Ruína;
55. Paisagem II;
56. Perspectiva;
57. Materialidade II;
58. Paisagem III;
59. Paisagem IV;

1) Estudo evolutivo das pré-existências, nomeadamente dos modos de apropriação física e humana da região (tendo em conta o contexto social, económico e político) concretizado na sua arquitectura, cruzado com a análise das componentes ecológicas da paisagem, no sentido da caracterização do património cultural existente.

2) Conceptualização de uma estratégia de intervenção (assente numa proposta estratégica de investigação a intervir, centrada no estudo de uma designada arquitectura de tradição) através da identificação das potencialidades e fragilidades do território envolvente à área de intervenção, de acordo com as suas características biofísicas e usos existentes.

3) Criação de um programa de intervenção no espaço rural que defina um conjunto de elementos urbanos e arquitectónicos, edificado e não-edificado, descrevendo a sua tipologia, sistema construtivo, áreas de implantação e de construção, associada a serviços e habitação que viabilize a exploração rural da Aldeia de Broas de forma sustentável.

4) Desenvolvimento de um projecto de reocupação que passe pela identificação dos elementos a propor, que se iniciará com a descrição do seu desenho urbano, à escala 1:1000, seguindo-se a proposta de intervenção do espaço edificado e não edificado para cada um desses núcleos, à escala 1:100, através da apresentação de peças desenhadas compostas por perfis, cortes, alçados, plantas altimétricas e planimétrica.

O trabalho tem como objectivo tentar definir os princípios para uma nova ideia de ruralidade que já não pode ser encarada na sua versão tradicional, mas que deve visar agora sobretudo a autossuficiência e ser fomentadora de uma economia regional (através de dinâmicas locais e autoproduzidas, de acordo com as necessidades específicas das comunidades, a sua cultura e a exploração do território).

III.II.II. O projecto

Configura-se um assentamento prévio rural, onde a aldeia a repensar tem como base uma antiga aldeia, hoje em ruínas. O projecto será, então, propor a hipótese de uma reocupação rural. A escolha do lugar teve a ver com a garantia de um assentamento prévio, sendo a ruína uma testemunha disso.

Em relação à ocupação das ruínas, era estratégico começar, não do assentamento que lá estava, mas fundar um novo tipo, a invenção da casa, mais a relação com o território - unidade rural, casa e horta. Para resolver este exercício, tem-se duas opções: ou se reabilitam as antigas ruínas no sentido da sua ocupação, ou faz-se o estudo a partir das referências de casa tradicional numa nova tipologia rural.

Optou-se pela segunda hipótese, o que permite fazer uma casa com capacidade de relação com o território pré-existente, numa estratégia evolutiva, isto é, que possa desenvolver-se ao longo do tempo (do ponto de vista construtivo, tectónico, material e tipológico) com analogias à casa tradicional.

Ao escolher esta opção, continua a existir a proximidade e presença das ruínas que sugere sempre uma potencial reapropriação, (não sendo este o tema de trabalho nem o estudo que se faz) mas sendo um valor em si mesmo. A partir dessa apropriação surgirão naturalmente hipóteses de ocupação das ruínas.

60. Vista da Aldeia de Broas

No sentido de se criar as condições base para o repovoamento da aldeia de Broas, pretende-se promover a exploração rural e o repensar dos sistemas de produção arquitectónica.

Com base nos princípios de sustentabilidade, ao nível da auto-suficiência de recursos, através da utilização de técnicas e sistemas de construção tradicional, as casas serão construídas com materiais locais, como a pedra, a terra e a madeira.

A proposta de projecto arquitectónico, constitui-se de um conjunto de habitações e espaços flexíveis distribuídos ao longo da rua principal da aldeia (antiga estrada romana) e a qual termina no espaço em ruína (não intervindo, mas respeitando a sua memória). Na transição entre a nova aldeia e o espaço em ruínas, propõe-se um mercado que reforce a ideia de comunidade que lhe subsiste e determine o valor identitário ao longo do tempo.

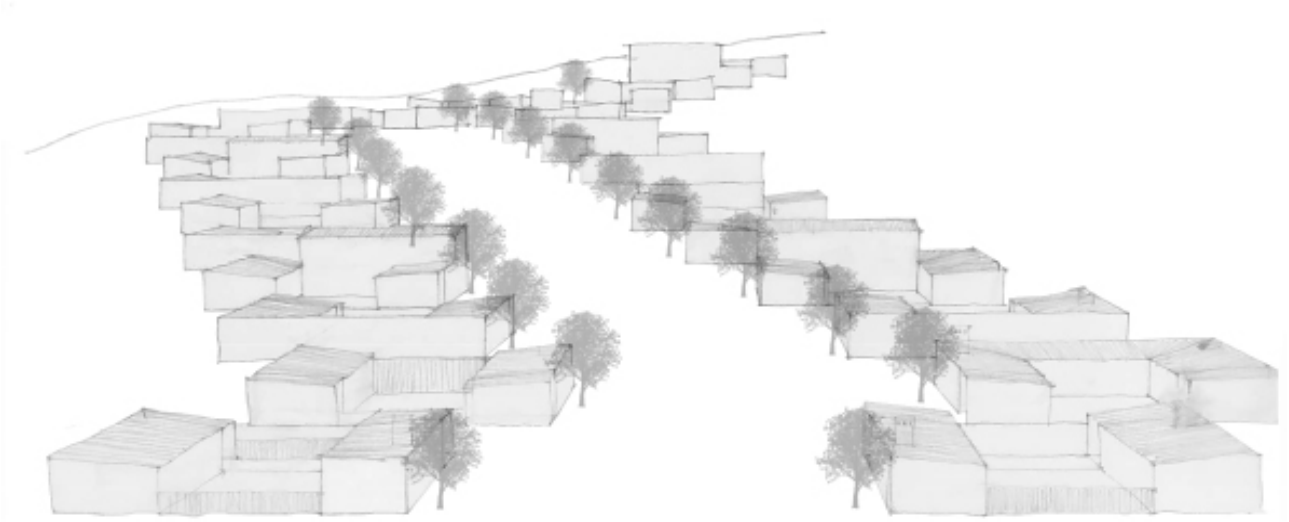
As casas propostas para a nova aldeia apresentam-se dispostas num terreno não linear, seguindo a topografia e orientação adequada, ao longo da referida rua, cuja distribuição é regrada pelo conceito de muros de pedra seca (tipicamente presentes na paisagem desta região) que se estendem desde a fachada principal (na frente de rua) até à zona da horta (nas traseiras) da casa.

A tipologia da casa, semelhante às casas de campo tradicionais, constituem-se de pátios centrais que permitem a transição entre os seus vários corpos (por exemplo: entre a habitação e apoio à horta), modelo inspirado nas Kingo Houses de Jörn Utzon.

Para além do conceito de casa-pátio, tratar-se-ão de habitações evolutivas em que, tal como em Belapur, de Charles Correa, cada unidade construtiva tem a sua área de implantação, de modo a permitir a sua expansão, térrea e em altura, hierarquizada por um elemento central: a escada. Trata-se do único elemento fixo e primário da casa, através do qual, as restantes divisões se vão constituindo: numa primeira fase, como acesso ao terraço e depois ao de acesso ao piso superior da casa.

O piso térreo organiza-se num corpo funcional, de esquema em "L", onde a entrada está no encontro de dois corpos: um dedicado às áreas de estar e o outro aos espaços privados, como os quartos ou as alcovas (Casa Alcina de Sergio Fernandez). Esse corpo funcional constitui-se sempre de um pequeno átrio de distribuição pelos diversos espaços da casa, da cozinha e casa de banho.

61. Perspectiva da rua da nova aldeia



61

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de uma nova ruralidade procura restituir uma memória da nossa cultura, reforçando a importância da valorização do património, de modo a manter presente a identidade original dos lugares para a evolução natural da arquitectura e da cultura que lhe é inerente.

A construção cultural do lugar, do ponto de vista da arquitectura, desenvolve-se no espaço. Mas o lugar não se constrói só no espaço: constrói-se também no tempo. A construção no tempo, constitui-se como património que associamos à tradição e, portanto, à memória colectiva. Encontramos muitas vezes esse património em ruína, significando o passado desaparecido. A ruína pode ser, e muitas vezes é, património deteriorado (não conservado), na medida em que o desgaste do tempo foi submetido sem qualquer acto humano de conservação.

Por outro lado, não há plano para uma nova ruralidade que não integre o desenvolvimento sustentável de uma prática auto-suficiente em recursos e que dela se espere a produção, conservação, recreação do lugar. As ideias que presidem à criação de uma nova comunidade rural devem ter como paradigmas a integração cidade-campo e a conexão urbanismo-ecologia. O Homem de hoje tende a deixar de ser rural ou urbano para alcançar uma visão cultural que abrange tanto os valores da ruralidade como os da cidade.

O que pode distinguir este conceito de outras iniciativas urbanas ou rurais é a importância do sentido de comunidade que constitui o lugar, da partilha de valores e recursos, na procura de uma economia de subsistência de alimentação, energia, habitação. Pretende-se um estilo de vida no caminho da auto-suficiência, mais simples e consumindo menos recursos.

Este é um apelo a uma nova atitude para com a reabilitação e reocupação rural, o que implica uma nova abordagem à *habitação rural concentrada*. Os actuais programas de repovoamento devem reflectir sobre o novo paradigma de regresso ao campo, não apenas centrado na recriação nostálgica do passado, mas sobretudo numa visão social e económica do habitar a terra.

Como alternativa, a prática de uma arquitectura vernacular é exemplo da adequação da arquitectura ao lugar, onde as práticas de concepção estão circunscritas a condicionamentos ambientais, às tradições construtivas locais e aos modos de habitar tradicionais. A casa tradicional constitui-se através desta prática, de uma construção com forte ligação à terra, em harmonia e coerência com o meio onde se insere, adaptando-se ao clima, aos costumes e actividades da comunidade. A fisionomia dos seus materiais apresentam características diferentes em cada local e em cada região.

Neste âmbito, teve-se em conta, os princípios que Correa acredita serem os mais importantes na construção da habitação: equidade, incrementaridade, pluralismo e desagregação de espaços "open-to-sky" que fomentem a realização de actividades com sentido comunitário. Procurou-se também, através dos exemplos de Correa, uma solução projectada arquitectonicamente para habitação de renda baixa e média, onde o interessante serão as mudanças feitas pelos próprios habitantes. Também se propôs, com base nos ideais de Fathy, utilizar técnicas tradicionais de construção com materiais elementares, como o adobe, de acordo com as possibilidades da população e cuja manutenção seja garantida. Ao nível do desenho urbano e da própria tipologia de casa, baseou-se no trabalho de Jörn Utzon, característico pelas conexões flexíveis que estabelece entre os

diferentes espaços, sem qualquer tipo de riqueza esquemática e com uma variação perpétua de formas de crescimento orgânico.

A aldeia de Broas, pertencente à freguesia de Cheleiros do conselho de Mafra, apresenta-se hoje em ruínas e localiza-se num ponto alto de um terreno declivoso. O relevo é ondulado com pequenas colinas. A geografia física do lugar, desde o clima até à topografia, influenciou a localização desta aldeia no território. A potencialidade agrícola dos seus campos permitiu que as pessoas vivessem de uma economia de subsistência, sendo a produção agrícola e a criação de gado os meios que satisfaziam as suas necessidades alimentares.

Centrado neste caso de estudo, a presente investigação teve como principal objectivo definir uma estratégia de reocupação integrada da Aldeia de Broas que garanta uma simultânea auto-suficiência de recursos e preservação da identidade local no sentido de se criar as condições base para o seu repovoamento, de acordo com as seguintes premissas:

a) Garantir o sentido de comunidade que permita diferentes pessoas, com diferentes idades, estatutos sociais, origens culturais e possibilidades económicas coabitem de forma harmoniosa no mesmo espaço rural;

b) Promover a exploração rural (agricultura, silvicultura e/ou conservação da natureza dos recursos naturais existentes no local) através de estratégias integradas de reconversão, recuperação e requalificação dos seus espaços;

Para tal, propôs-se repensar os sistemas de produção arquitectónica desses espaços à luz dos actuais princípios de sustentabilidade através da utilização de técnicas e sistemas de construção tradicional (a par das novas tecnologias) que permitam responder às necessidades desta comunidade sem comprometer a continuidade das gerações futuras.

A proposta de projecto arquitectónico, constitui-se de um conjunto de habitações e espaços flexíveis distribuídos ao longo da rua principal da aldeia (antiga estrada romana), terminando no espaço em ruína por meio de um espaço constituído pelo mercado na garantia de fomentar o espírito de comunidade.

As habitações ao longo da referida rua, distribuem-se de forma regrada através de muros de pedra seca (tipicamente presentes na paisagem desta região).

A tipologia da casa constituem-se de pátios centrais que permitem a transição entre os seus vários corpos, modelo inspirado nas Kingo Houses de Jörn Utzon.

Para além do conceito de casa-pátio, tratar-se-ão de habitações evolutivas em que, tal como em Belapur, de Charles Correa, cada unidade construtiva tem a sua área de implantação, de modo a permitir a sua expansão, térrea e em altura, hierarquizada por uma escada, único elemento fixo e primário da casa, através do qual, as restantes divisões se vão constituindo.

BIBLIOGRAFIA

AAVV, *Arquitectura Popular em Portugal*, AO editora, Lisboa 2004

BARATA, F. T.; Mascarenhas, J. M., *Preservando a Memória do Território, O Parque Cultural de Tourega-Valverde*, Évora 2002

BROAS, Terra de Fronteira, *Aldeia Fantasma Pode Voltar À Vida*, 1991

CALVINO, Italo, *As Cidades Invisíveis*, 14ª edição, Teorema editora, Lisboa 2011

CARNEIRO, Patrício A. S., *Desafios e Oportunidades no Contexto das Novas Ruralidades. Campo-Território: revista de geografia agrária*, Vol.3, nº 6, 2008

CHOAY, Françoise. *Alegoria do Património*, Edições 70, 2013

COVAS & COVAS, A caminho da 2ª ruralidade, Edições Colibri, Lisboa 2012

FATHY, Hassan, *Arquitectura para os Pobres*, Dinalivro editora, Lisboa 2009

FERNANDES, José M.; JANEIRO, Maria de L, *Arquitectura Vernácula da Região Saloia: Enquadramento na Área Atlântica*, Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa 1991

FERNANDES, J.; MATEUS, Ricardo, *Arquitectura Vernacular: Uma Lição de Sustentabilidade. Sustentabilidade na Reabilitação Urbana: O Novo Paradigma do Mercado da Construção*, Lisboa 2011

FILIPE, M. & Mascarenhas, J. M, *Aldeias Abandonadas e Turismo: linhas mestras para a sua preservação cultural e valorização artística*, ISCET, Porto 2010

FLECK, Brigitte. *Malagueira: Álvaro Siza in Évora,* Syntagma, 2013

FREIRE, Paula de Castro. *Broas: Aldeia Fantasma*, Relatório de Estágio

HOWARD, E. *Cidades-Jardins de amanhã*, São Paulo 1996

JORGE, José Duarte Gorjão, *A noção de sincronismo na leitura e representação do espaço*, 1993

KASTENHOLZ, E., Carneiro, M., Marques, C. & Lima, J., *Understanding and managing the rural tourism experience, the case of a historical village in Portugal*, 2011

LASSU, Laboratório da Sustentabilidade, Pilares da Sustentabilidade

LEGEN, Johan van, *Manual do arquiteto descalço*, Porto Alegre, 2004

LENHAM, Ana, et al., *Arquitectura Bioclimática, Perspectivas de inovação e futuro*, IST UTL, Lisboa 2004

LINO, Raul, *Casas Portuguesas: Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples*, 11ª edição, Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lisboa 1992

MASCARENHAS, Jorge, *Sistemas da Construção XV Arquitectura Popular Portuguesa*, Livros Horizonte editora, Lisboa 2015

OLIVEIRA, Ernesto de; GALHANO, Fernando, Arquitectura Tradicional Portuguesa, 5ª edição, Dom Quixote, Lisboa 2003

Plano Director Municipal de Mafra: Processo de Revisão, 2009

RIBEIRO, Orlando, *Geografia e Civilização*, Letra Livre editora, Lisboa 2013

RIBEIRO, Orlando, *O mediterrâneo e o atlântico*, Letra Livre editora, Lisboa 2011

TÁVORA, Fernando, Da organização do espaço, FAUP, Porto 1999

YOUNG, L., Villages that Never Were: The Museum Village as a Heritage Genre, 2006

YATES, Frances, *The Art of Memory*, Random House UK editor, Reino Unido 2014

ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, 1ª edição, Gustavo Gili editora, Barcelona 2006

ZUMTHOR, Peter, *Pensar a Arquitectura*, 2ª edição, Gustavo Gili, Barcelona 2009

Webgrafia

http://www.amorim.com/unidades-de-negocio/isolamentos>.

http://www.fcsh.unl.pt/docentes/luisrodrigues/textos/Mudan%C3%A7a%20Social%20em%20Portugal%20Ant%C3%B3nio%20Barreto.pdf >.

http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>.

http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf >.

http://www.ccbs-energia.pt/formacao-tecnica/informacoes-gerais/consumo>.

http://www.archdaily.com/794167/innovative-self-sustaining-village-model-could-be-the-future-of-semi-urban-living

http://caosdeclinavel.blogspot.pt/2011/05/do-declinio-reinvencao-de-umanova_17.html>.

http://novasenergiasrenovaveis.blogspot.pt/2011_01_01_archive.html>

http://www.futureng.pt>.

https://www.dezeen.com/2014/04/16/gion-a-caminada/

https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-do-icomos2003_principios.pdf>.

http://lassu.usp.br/sustentabilidade/pilares-da-sustentabilidade>.

https://www.researchgate.net/publication/283462833_Rehabilitation_of_abandoned_villages_through_tourism_a_solution_for_sustainable_heritage_development

http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=637844>.

http://www.construcaosustentavel.pt/index.php?/O-Livro-||-ConstrucaoSustentavel/Eficiencia-Energetica/Paredes-Trombe>.

http://www.plarexpoliester.com/pt-pt/depositos-2/depositos/>.

http://www.uc.pt/en/cia/publica/AP_artigos/AP22.23.13_Silva.pdf>.

Aldeia da Luz
http://rr.sapo.pt/aldeia-da-luz/default.html

Auroville eco-aldeia
https://www.auroville.org/
https://www.youtube.com/watch?v=sbQkXASZIug

Belapur, Charles Correa
http://www.charlescorrea.net/

Imagine, John Lennon
https://www.youtube.com/watch?v=YkgkThdzX-8w

Malagueira
https://www.archdaily.com.br/br/01-49523/classicos-da-arquitetura-quinta-da-malagueira-alvaro-siza

Monsaraz
http://www.visitevora.net/monsaraz/

Nova Gourna, Hassan Fathy
https://www.wmf.org/project/new-gourna-village

Tamera eco-aldeia
https://www.tamera.org/pt/
https://www.youtube.com/watch?v=wfjmcJpLgB8

Vertigo Eco-Art Village
https://vertigo.org.il/en/
https://www.youtube.com/watch?v=Nw4PLImh4mU
https://www.youtube.com/watch?v=CZFlFCSJCSo&t=30s
https://www.youtube.com/watch?v=cv-vzHV39cE

Kingo Houses, Jörn Utzon
https://www.archiweb.cz/en/b/obytny-soubor-kingo

Teses de Mestrado

ALGARVIO, Iuri, *Ecoaldeias: Práticas Para um Futuro Sustentável*, Tese de Mestrado, FAUL Lisboa, 2010

DOMENTI, Ana, *O Imaginário do Lugar: Intervenção na Fortaleza de Juromenha como contributo para a sua regeneração*, Tese de Mestrado, FAUL Lisboa 2015

GOMES, A. & Filipe, M., *A aldeia da Mata Pequena: Caso de Sucesso de Desenvolvimento Rural ou Exploração Turística a Prazo?*, Tese de Mestrado, ISCTE Lisboa, 2011

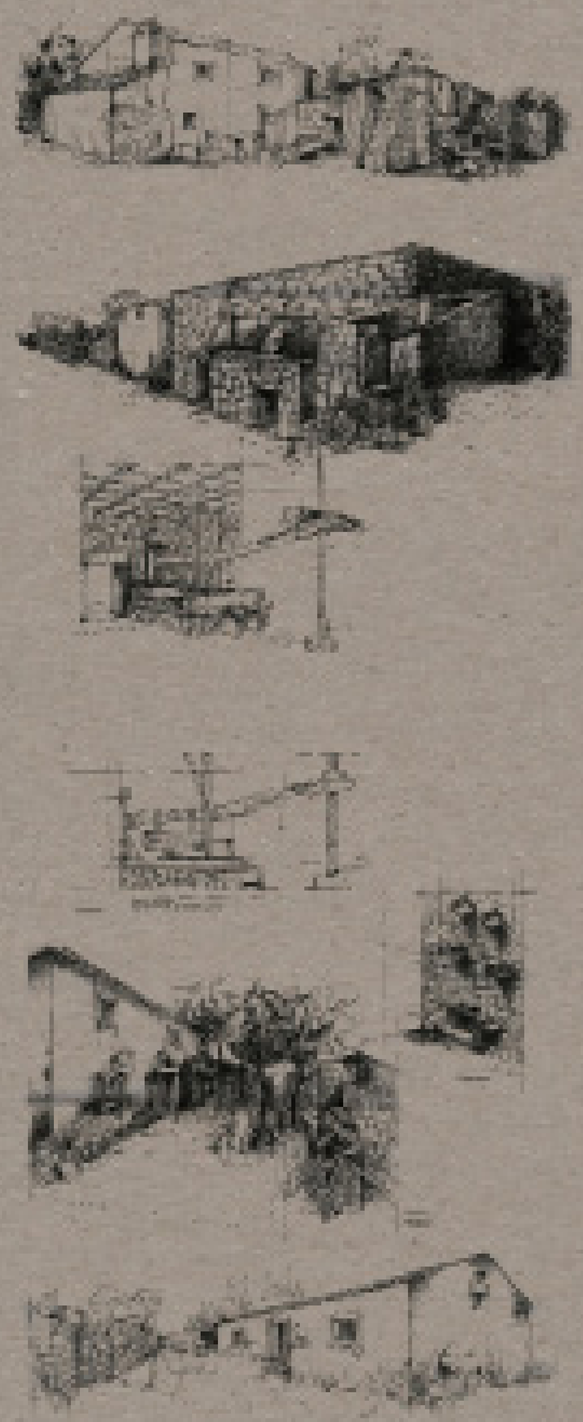
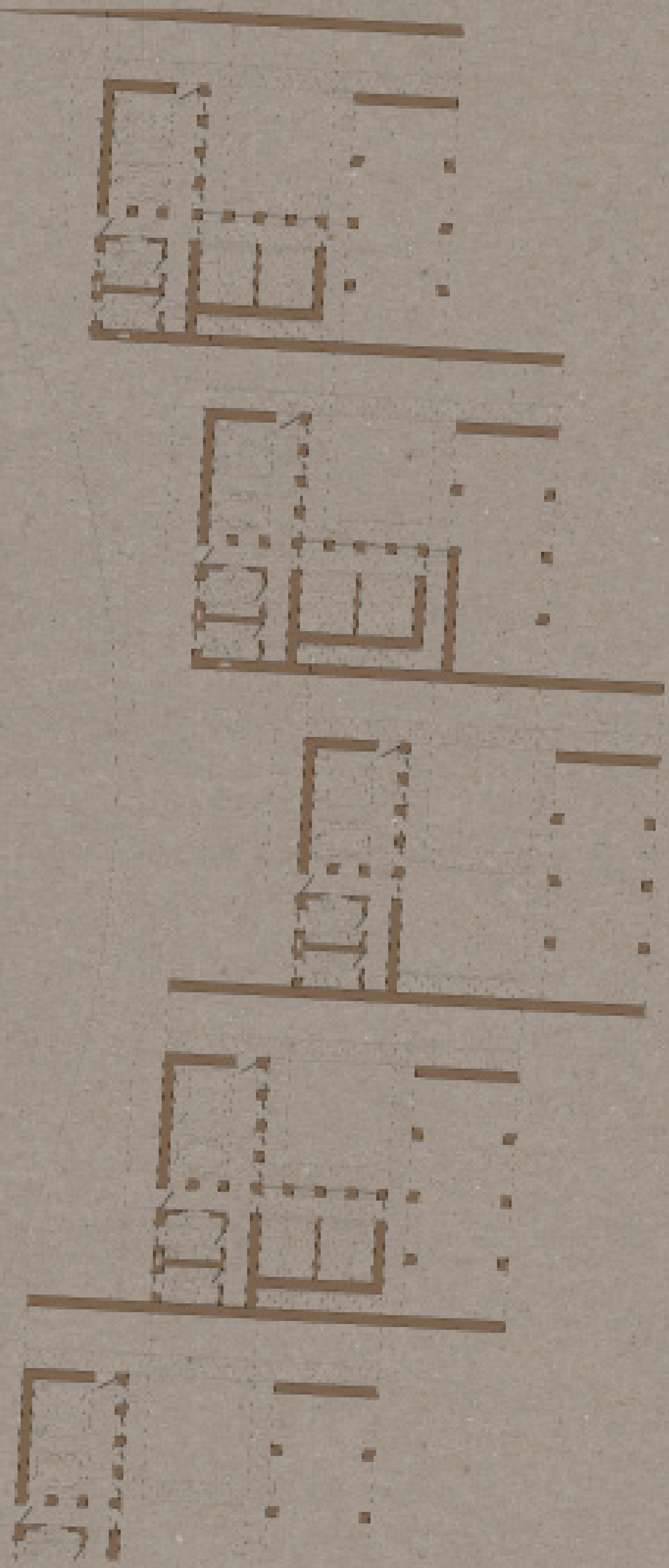
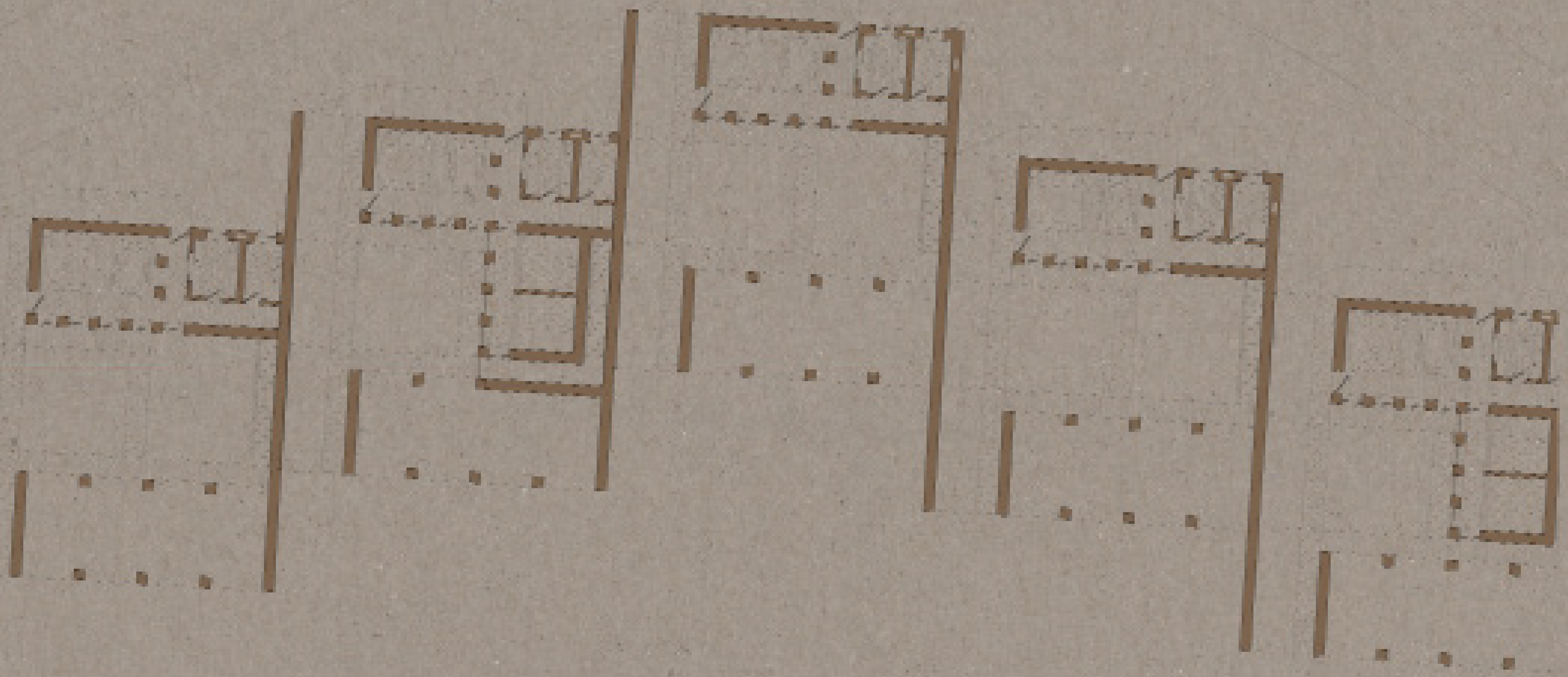
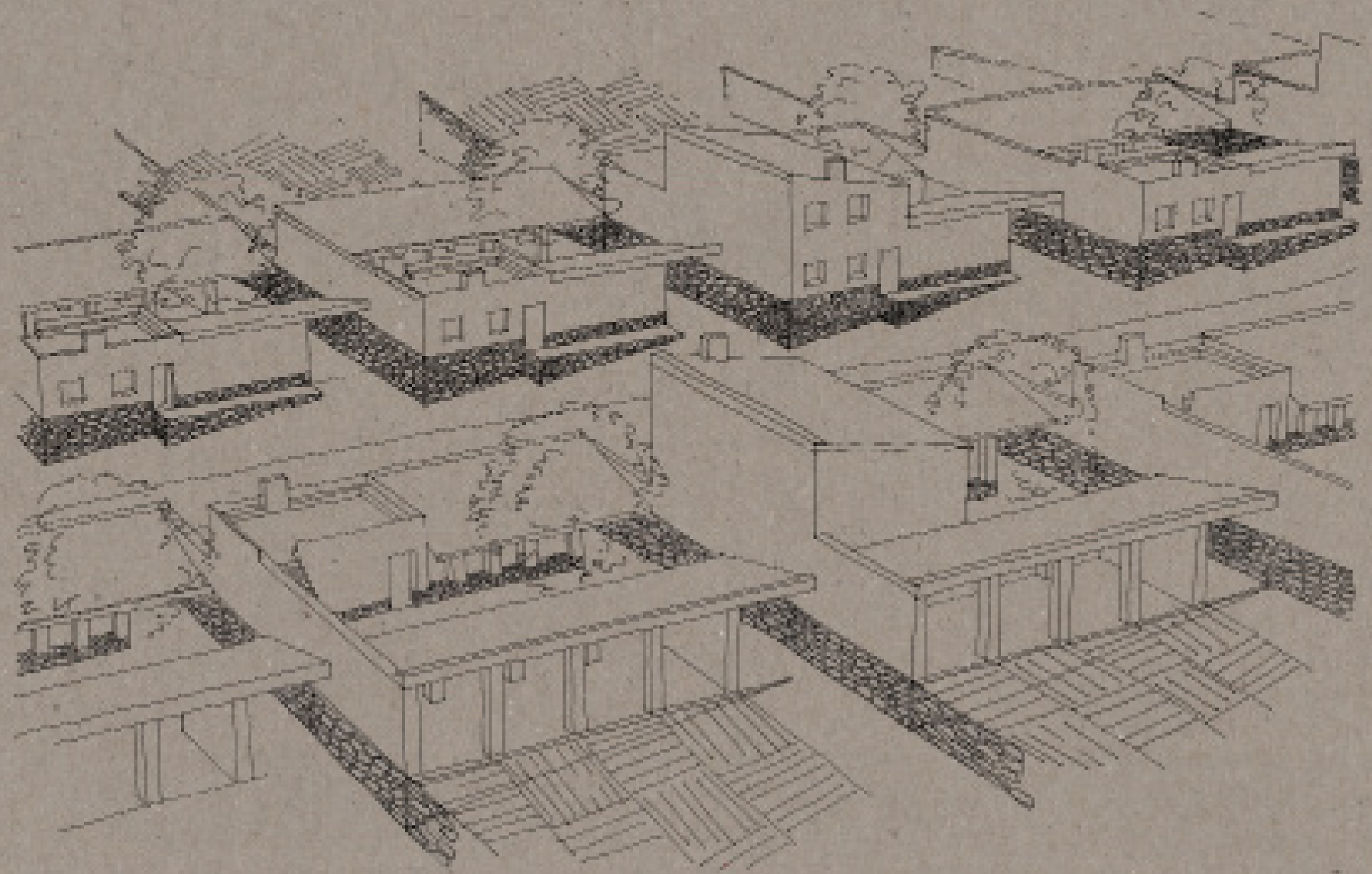
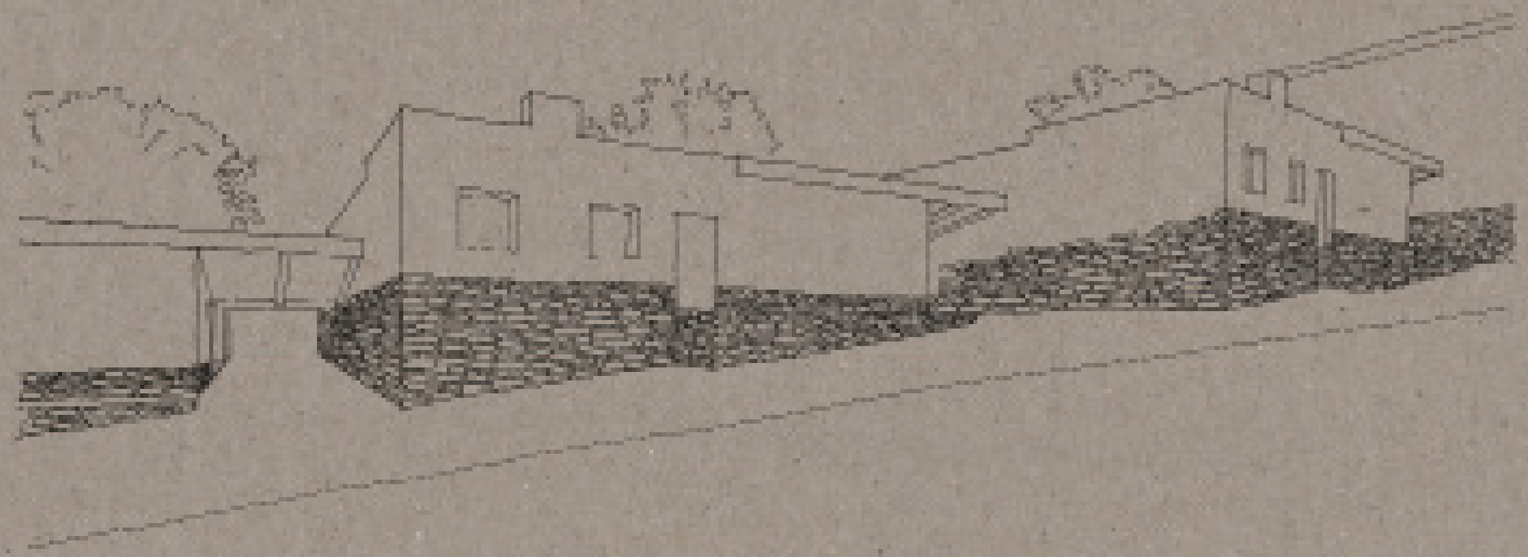
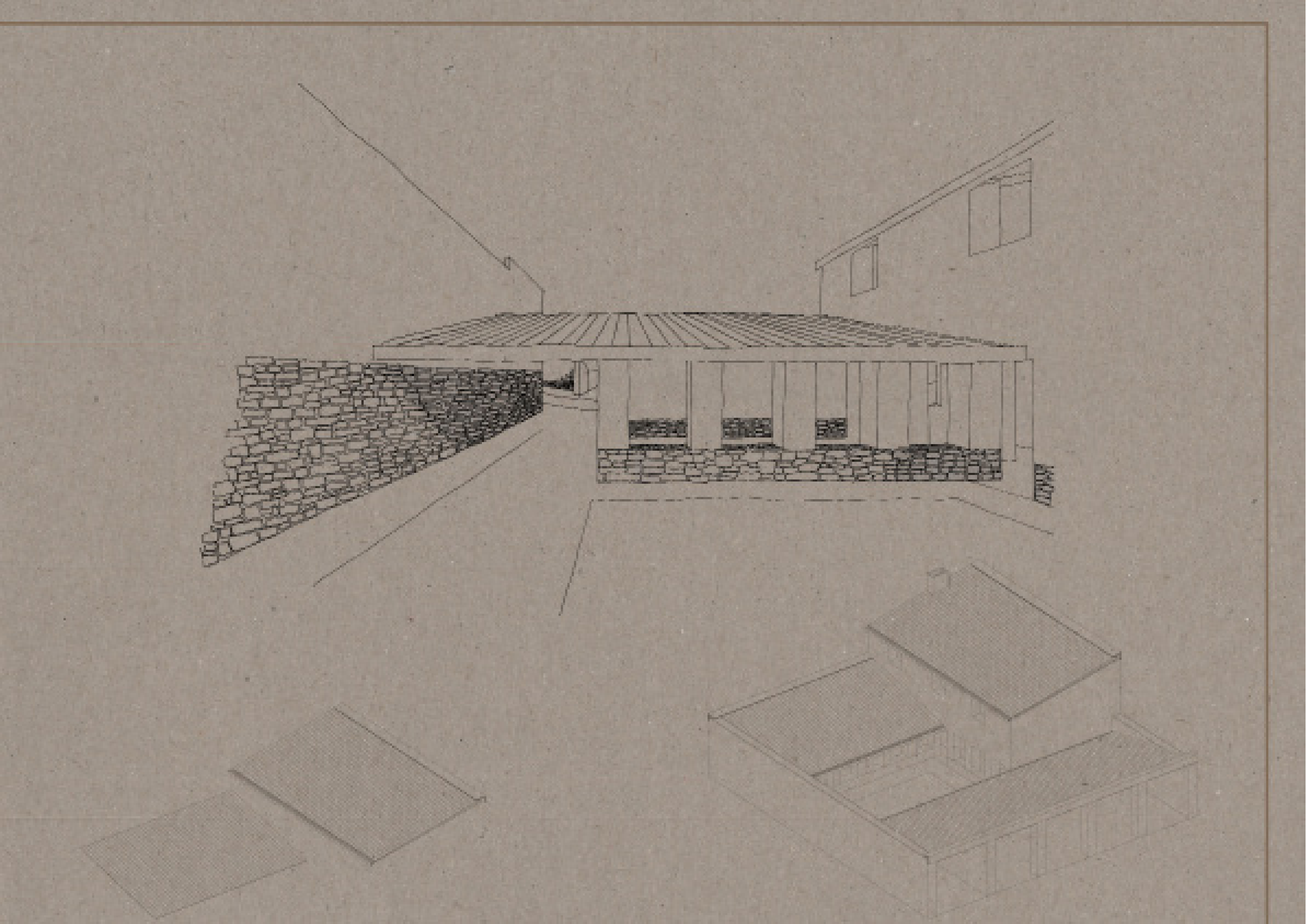
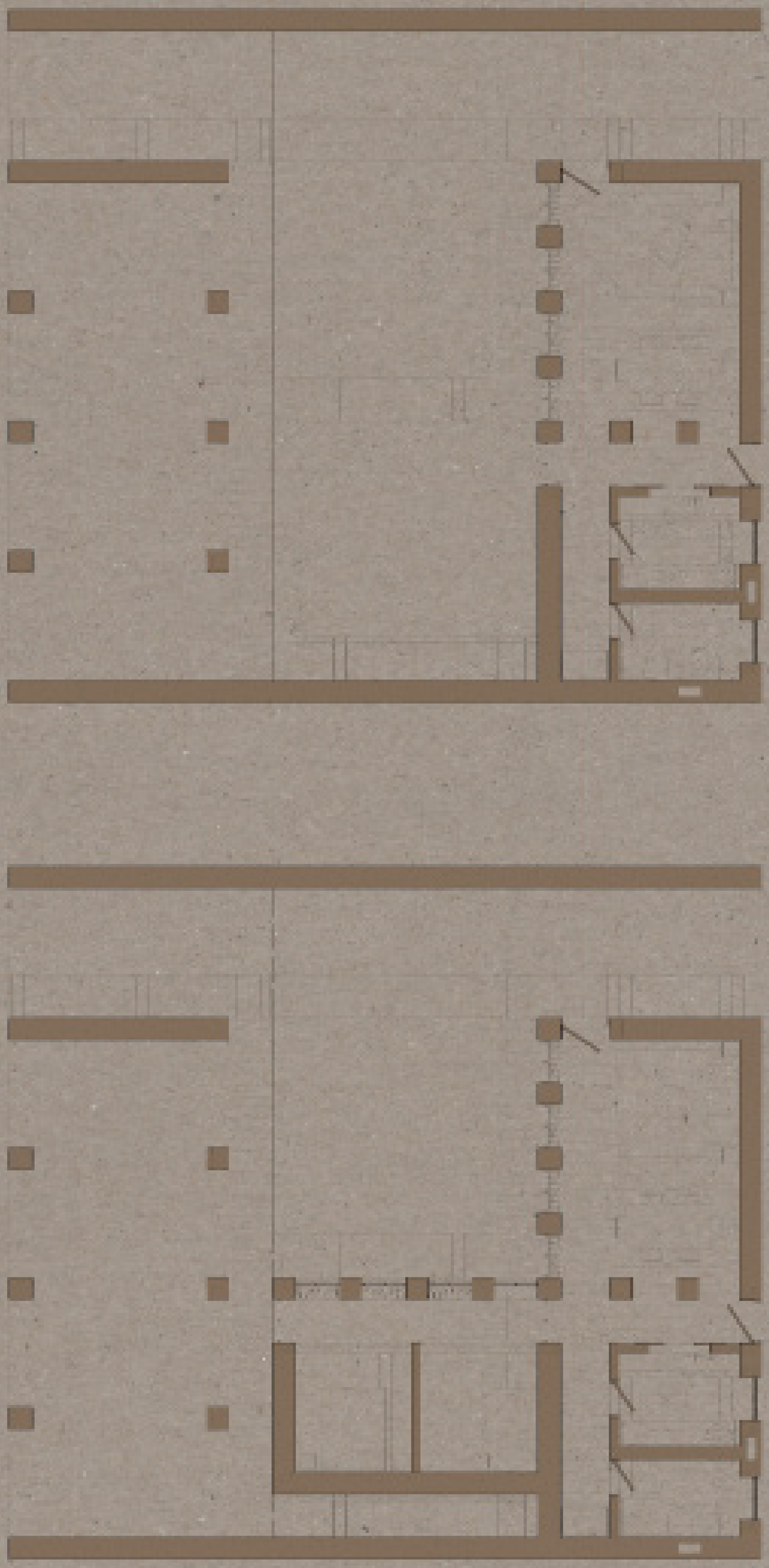
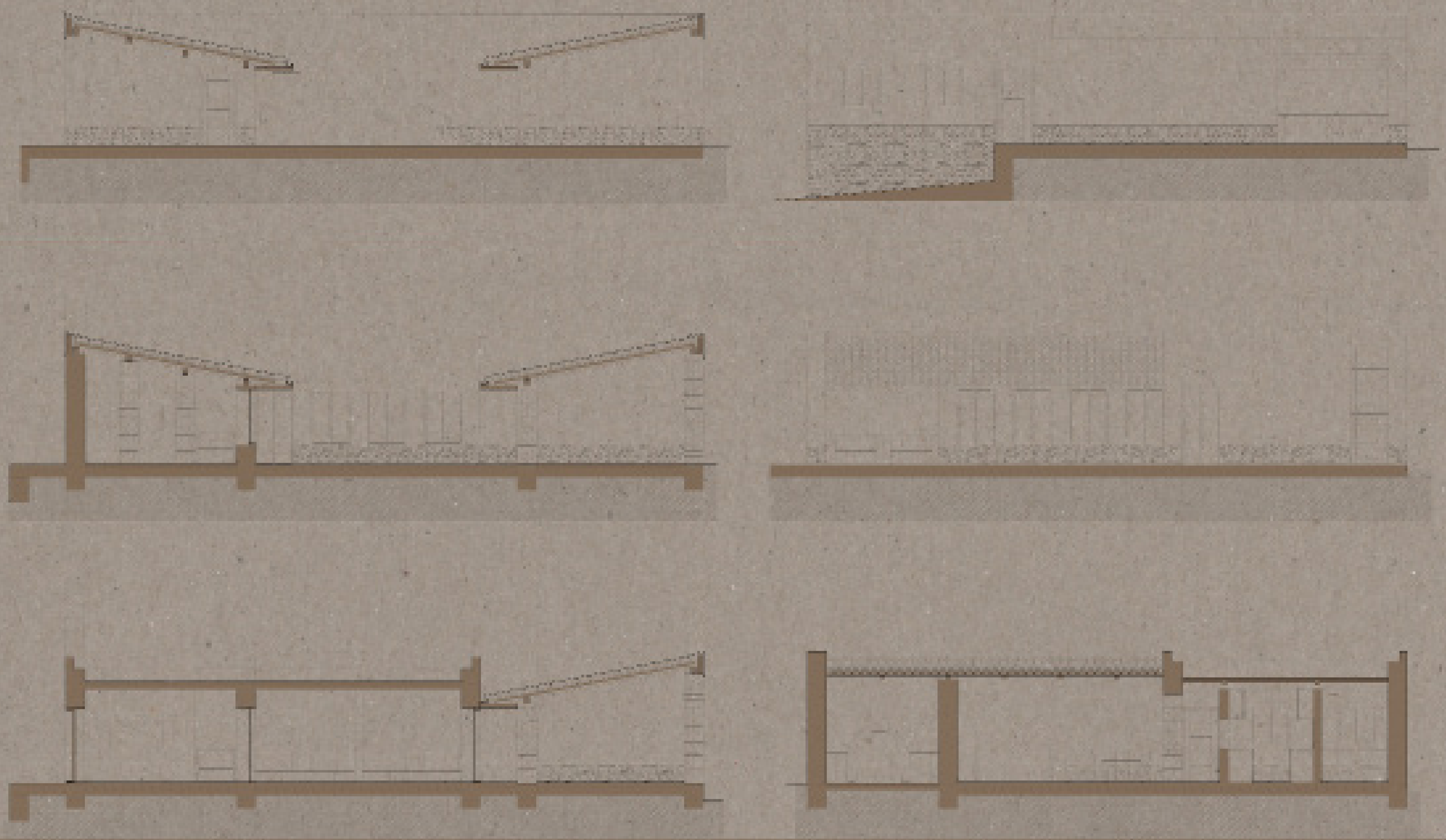
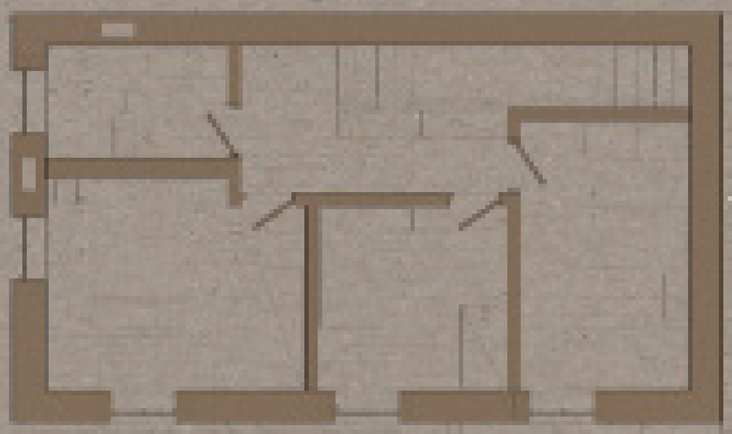
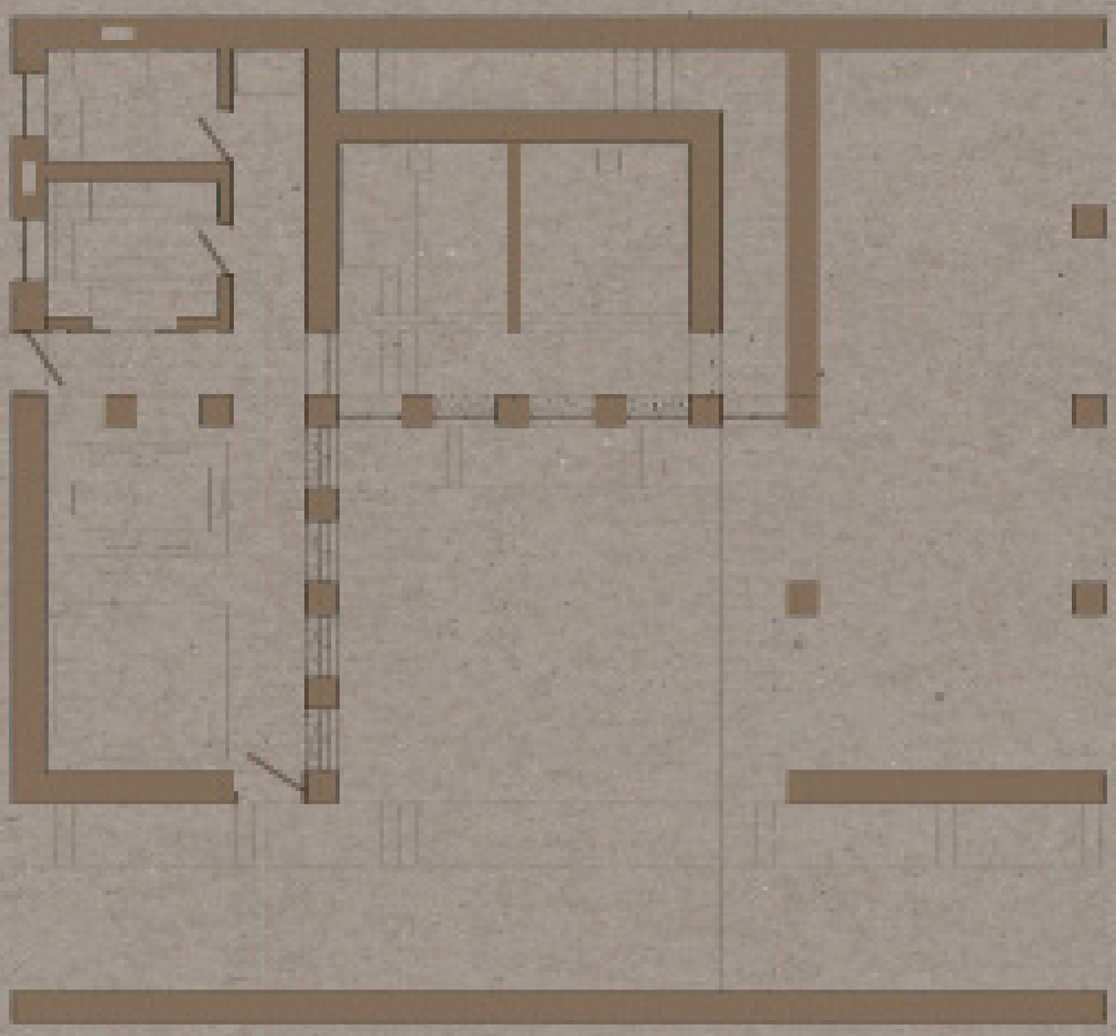
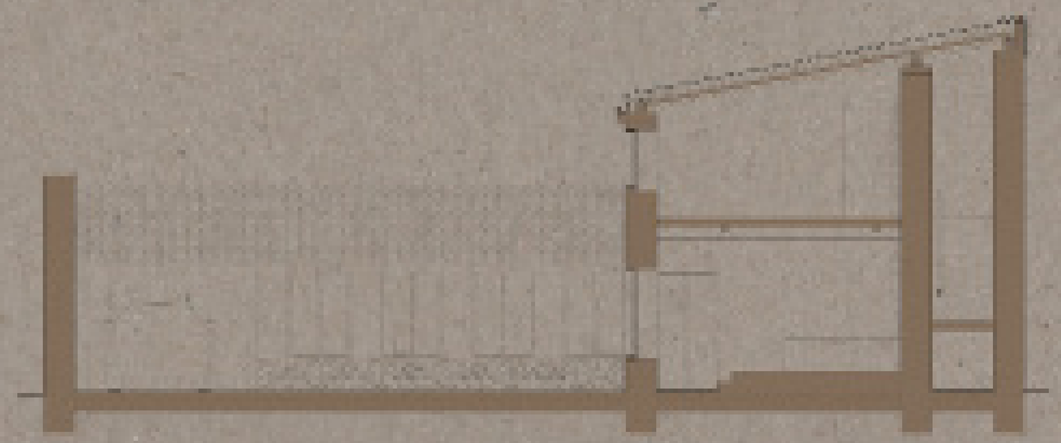
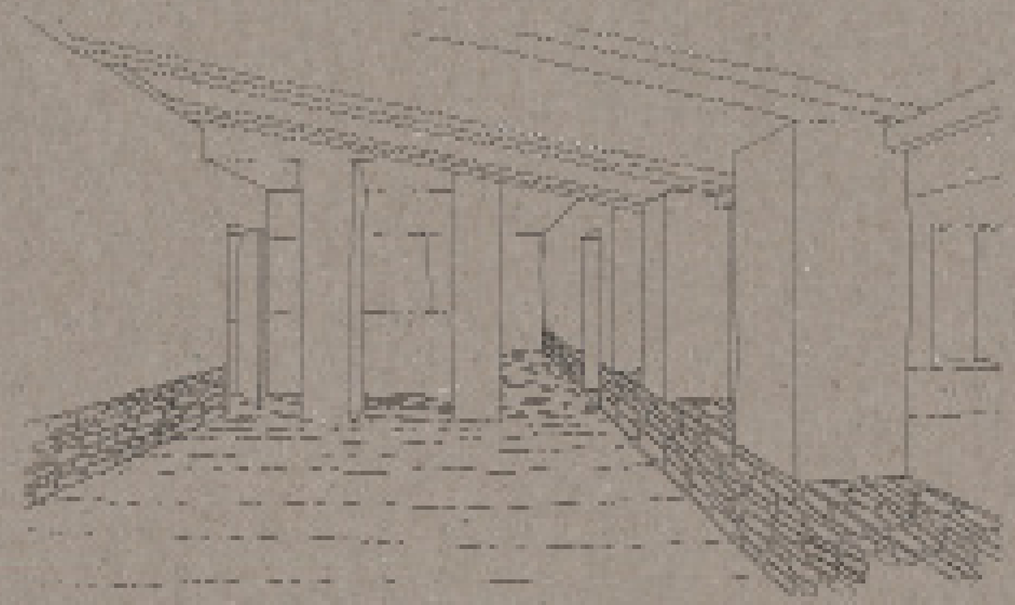
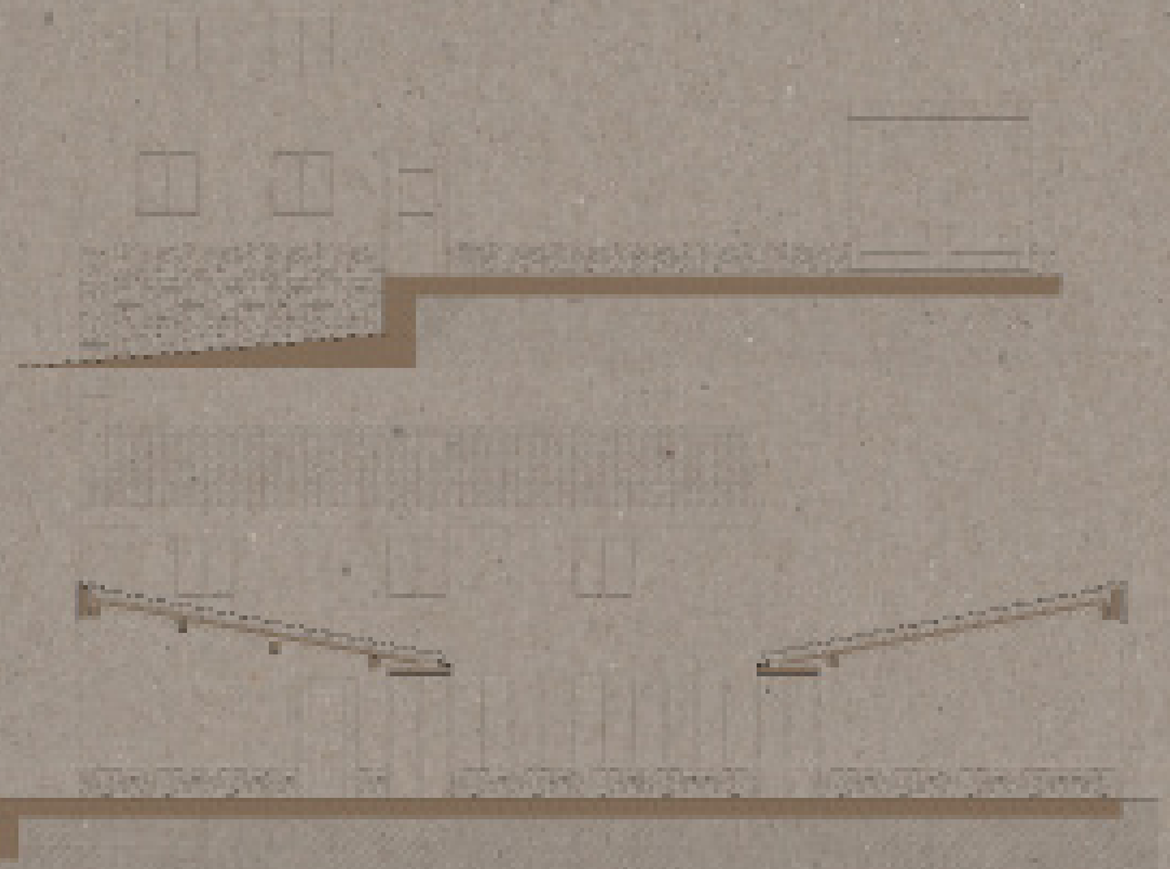
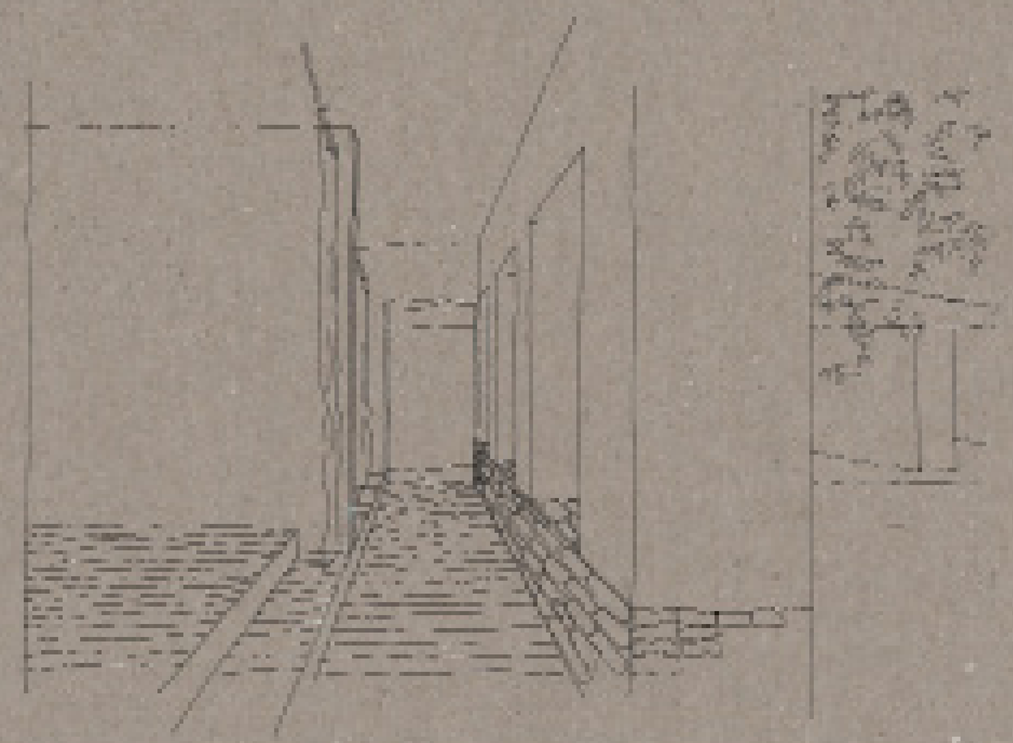
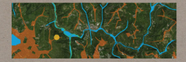
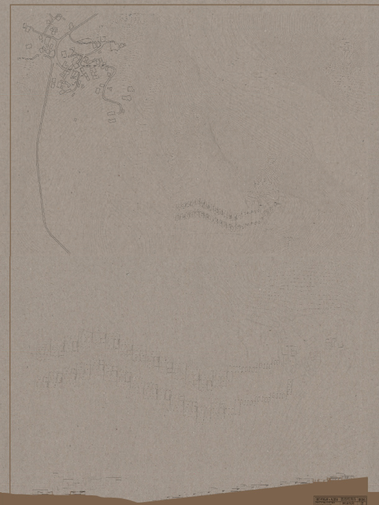
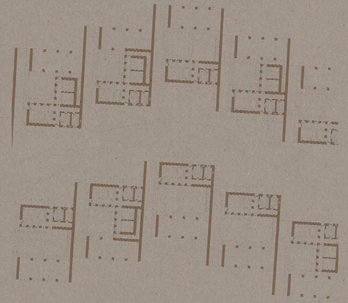
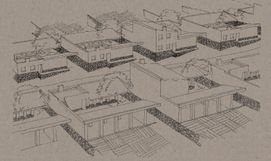
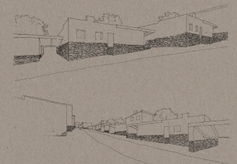
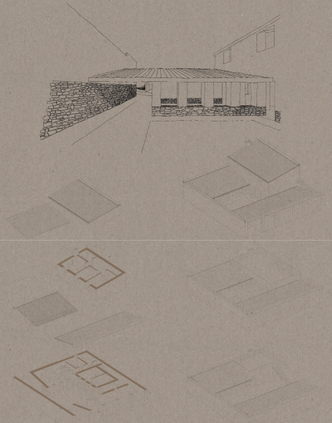
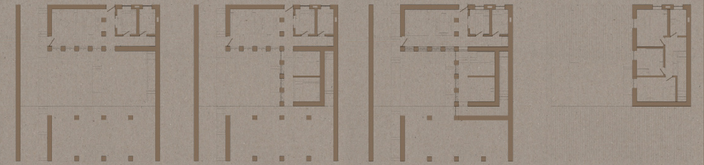
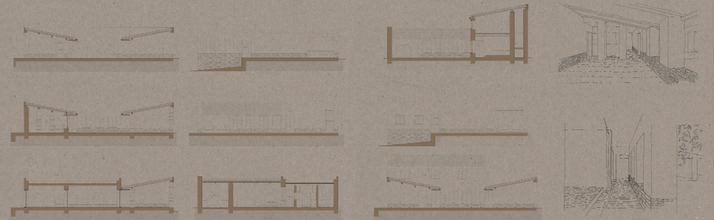
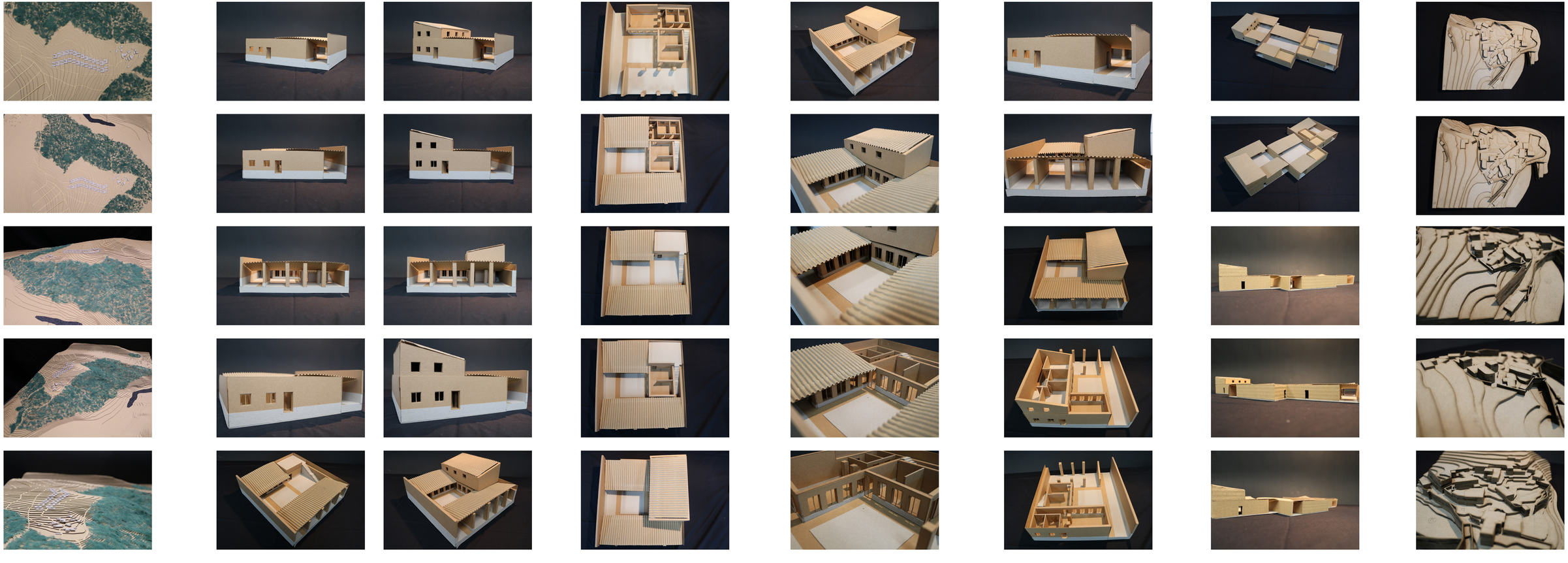
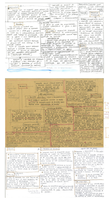
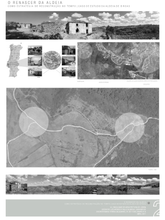
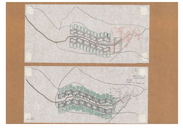
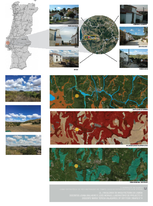
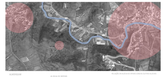
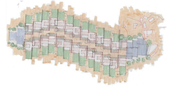
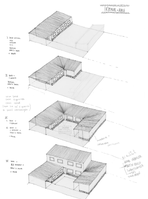
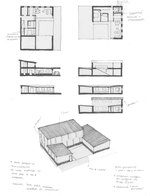
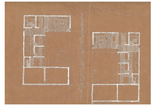
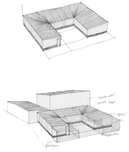
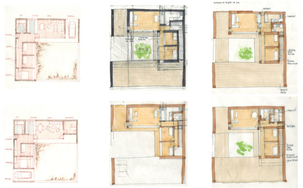
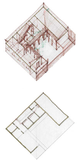
MONTEIRO, Diogo Filipe Frade, *Reabilitação Arquitectónica e Urbana da Aldeia de Broas Como Estratégia de Desenvolvimento Regional*, Tese de Mestrado, FAUL Lisboa 2015

MOREIRA, Inês, *Aldeias de Xisto: Projecto Para Reabilitação da Aldeia de Cerdeira*, Tese de mestrado, Coimbra 2011

PAULO, Eduarda Filipa Fernandes, *Aldeias em Paisagem Patrimonial – O Caso da Aldeia de Cidadelhe – Turismo de Natureza*, Tese de Mestrado FAUL, Lisboa 2013

PORTELA, Ana Teresa Inocêncio, *Arquitectura da região saloia: Contributos para a sua caracterização nas zonas rurais dos concelhos de Sintra e Mafra*, Dissertação de Mestrado, Lisboa 2009

RODRIGUES, Henrique António Abreu, *Reabilitação do Património Rural. O Caso da Aldeia da Anta, Lamego*, Tese de Mestrado, Vila Nova de Cerveira 2015.

SERQUEIRA, Pedro, *Vermelho Azul, Centro de Investigação Imazighen e do Mediterrâneo nas minas de São Domingos*, Tese de mestrado em Arquitectura FAUL, Lisboa 2017

ANEXOS